

IGREJA METODISTA DE VILA ISABEL

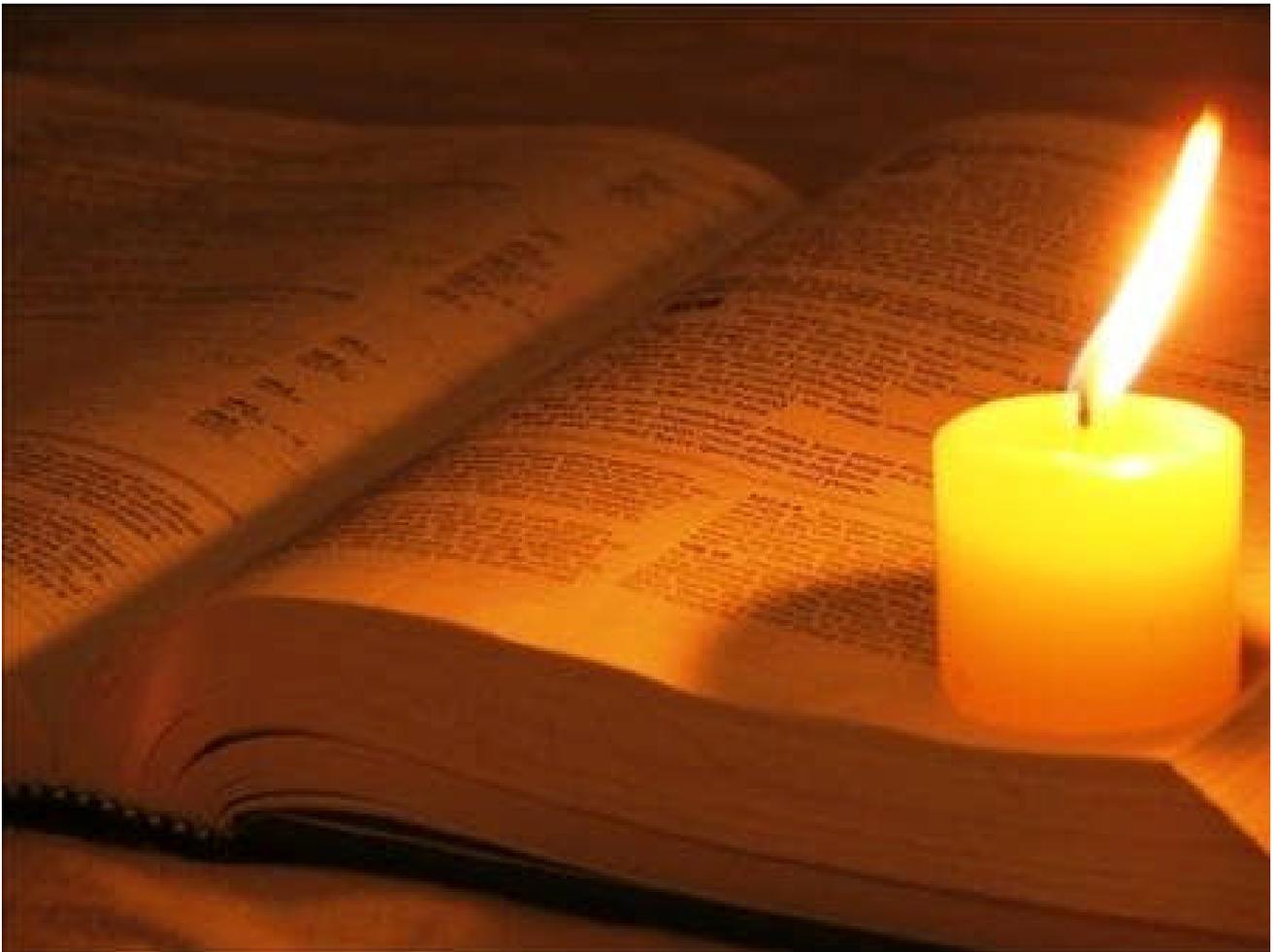
**CADERNO Nº 2**

***A VIDA E OS ENSINOS DE JESUS***

**Parte II**

***ESTUDOS PARA A ESCOLA DOMINICAL***

***Abril a Julho de 2010***



***Escola Dominical, o coração da Igreja!***

## ÍNDICE DAS LIÇÕES – CADERNO 3

- LIÇÃO 1** – Página 3 – A Ressurreição de Jesus – lição de Páscoa  
**LIÇÃO 2** – Página 7 – Os discípulos de Emaús  
**LIÇÃO 3** – Página 10 – As mulheres que vão ao túmulo e a tarefa de anunciar a ressurreição  
**LIÇÃO 4** – Página 13 – A grande Comissão: o IDE de Jesus  
**LIÇÃO 5** – Página 17 – Disse Jesus: “Eu sou...”  
**LIÇÃO 6** – Página 22 – A Ascensão de Jesus: por que estais olhando para as alturas?  
**LIÇÃO 7** – Página 25 – A oração sacerdotal de Jesus (com vistas à Semana de Oração pela unidade dos cristãos)  
**LIÇÃO 8** – Página 31 – Pentecostes, o amor e o poder de Deus derramados sobre a Igreja – Lição especial pelo Domingo de Pentecostes  
**LIÇÃO 9** – Página 35 – Por uma família segundo o coração de Deus – lição especial pelo mês da família  
**LIÇÃO 10** – página 41 – Pedro antes e depois do Pentecostes  
**LIÇÃO 11** – Página 43 – A Igreja antes e depois do Pentecostes  
**LIÇÃO 12** – Página 46 – João Wesley antes e depois da experiência do Coração Aquecido  
**LIÇÃO 13** – Página 48 – A pregação de Pedro em At 2:14-41  
**LIÇÃO 14** – Página 51 – Como viviam os convertidos – um retrato das primeiras comunidades cristãs em At 2:42-47 e At 4:32-45  
**LIÇÃO 15** – Página 54 – A cura do coxo – uma igreja marcada pela autoridade e manifestação sobrenatural de Deus  
**LIÇÃO 16** – Página 56 – A pregação de Pedro no templo de Jerusalém  
**LIÇÃO 17** – Página 58 - Pedro e João são presos por ordem do Sinédrio

### **EXTRAS:**

- Página 61 – Cronograma e lições do Caderno 3 (a partir de 4/08/2010)*  
*Página 63 – Objetivo da Escola Dominical e competências dos professores(as) e alunos(as) da Escola Dominical*

**LEMBRETE:** As lições foram escritas para serem estudadas em casa e não lidas durante a 1h de encontro da classe da Escola Dominical. O aluno(a) deve ler a lição em casa, preparando-se para a aula da Escola Dominical, lugar de reflexão, aprendizados, ensinamentos, partilha, aprofundamento, discipulado. A gente lê sozinho e Deus, e reflete com o grupo na presença de Deus. Assim nossa reflexão, conhecimentos e experiências são enriquecidos com outras visões.

### EQUIPE QUE PREPAROU AS LIÇÕES DESSE CADERNO N° 2:

João Wesley Dornellas  
Luciano Pereira Vergara  
Marcus Vinícius C. de Brito Mello  
Ronan Boechat de Amorim  
Suely Peixoto Mattos  
Urbano Fernandes da Matta

## **A RESSURREIÇÃO DE JESUS**

### **1 - Textos Bíblicos:**

#### **Romanos 4.24 a 5.4**

“mas também por nossa causa, posto que a nós igualmente nos será imputado, a saber, a nós que cremos naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação. Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivermos igualmente acesso, pela fé, a essa graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; a perseverança, experiência; e a experiência esperança”.

#### **2 Timóteo 2.8**

“Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos”.

### **2 - Leituras Adicionais**

Vale a pena consultar as narrativas dos evangelistas a respeito da ressurreição de Jesus (Mateus 28.1-10, Marcos 16.1-8, Lucas 24.1-12) e João 20.1-10), Isaías 52.4-7, Romanos 5.1-21 e 6.1-14.

### **3 - A crucificação e a morte de Jesus**

Aquela semana foi a mais trágica da história. Depois de ter entrado triunfalmente em Jerusalém, montado num jumentinho, Jesus viveu dias de angústia e de dor. Indo ao templo, teve que purificá-lo dos vendilhões, aos quais ele condenou com veemência acusando-os de estarem transformando o templo num covil de salteadores.

Ao mesmo tempo os principais dos sacerdotes, Anás e Caifás, seguidos por outros membros do supremo tribunal judeu, o Sinédrio, tentavam por todos os modos condenar Jesus à morte, acusando-o de muitas coisas que, no seu entender, desrespeitavam as tradições e as próprias leis dos judeus. Depois de reunir-se com seus discípulos no cenáculo, Jesus lavou-lhes os pés e reuniu-os em torno da mesa para a refeição pascal. Nela, ele revelou que estava sendo traído e anunciou, uma vez mais, a própria morte. Foram momentos de muita angústia não só para Jesus como para todos os discípulos. Finalmente, entregue por Judas, foi preso. O Sinédrio não tinha poderes para condenar Jesus à morte. Os romanos reservaram para si próprios a pena capital. Para conseguir o respaldo das autoridades romanas, Pilatos e Herodes, acusaram-no de querer ser o rei dos judeus.

Em idas e vindas ao Sinédrio, a Pilatos e a Herodes, o julgamento de Jesus acabou sendo resolvido pelo povo insuflado pelos sacerdotes. Bem que Pilatos estava tentando, talvez por inspiração de sua mulher Cláudia Prócula ou mesmo pelo temor de uma insurreição popular, isentar Jesus. Sua última saída acabou se tornando trágica, nada ocorrendo como planejara, isto é, ao tentar dar ao povo o poder de decidir, ele achava que Jesus seria preferido para ser libertado em lugar de Barrabás, um assassino. Pilatos não podia nem de longe imaginar o poder de convencimento dos sacerdotes nem

compreender o ódio que eles sentiam por Jesus. O povo escolheu Barrabás para ser salvo e, como consequência, Jesus foi condenado à morte na cruz. Morto, foi sepultado num túmulo de propriedade de José de Arimatéia.

Como prometera diversas vezes, ao terceiro dia ressuscitou. Na madrugada do primeiro dia da semana, mulheres piedosas que estavam sempre ao lado de Jesus puderam certificar-se, conforme os relatos dos quatro evangelistas, de que Jesus vencera a morte. Depois, ele se encontra com os seus discípulos e lhes dá as últimas recomendações.

#### **4 - É preciso ir além do fato histórico**

Não se pode relembrar os acontecimentos daquela semana que levaram à condenação e crucificação de Jesus de maneira convencional. Há um antigo hino (HE 141) cuja letra nos diz “enquanto, ó Salvador, teu livro ler, meus olhos vem abrir, pois quero ver, além da mera letra, o que, Senhor, nos revelaste em teu imenso amor”. Muita gente ao ler a Escritura não percebe bem quem é que, na realidade, estava sendo julgado naquela oportunidade. Há um relato histórico, muito bem acompanhado pelos evangelistas, embora algumas partes das narrativas não sejam muito claras e, até, em certos pontos, meio contraditórias. A “leitura” além da letra dos acontecimentos, no entanto, passa certamente por tudo o que está nas páginas da Bíblia, tanto do Antigo, especialmente no livro de Isaías, como em todo o Novo Testamento, principalmente nas cartas paulinas.

O mistério da encarnação desabrocha no mistério da sexta-feira santa e da Páscoa. Precisamos vê-las conjuntamente. Há duas idéias que não podem ser dissociadas. Os protestantes e católicos acabam dando muita ênfase na teologia da cruz: “foi entregue por nossas transgressões”. Os ortodoxos, por sua vez, enfatizam mais a teologia da glorificação: “ressuscitou para nossa justificação”. Ambas as ênfases, que devem ser entendidas juntas, estão baseadas em Romanos 4.25: “(Jesus) o qual foi entregue por nossas transgressões e ressuscitou por causa de nossa justificação”. Por isto, a ressurreição de Jesus não é meramente um fato histórico, real, mas um julgamento de Deus que, agora, atinge qualquer pessoa humana.

O que Deus fez ressuscitando Jesus, fê-lo por todos nós, para nossa salvação. P. Bonnard nos diz que “a ressurreição de Jesus expressa pois a vontade particular de Deus que, tendo aniquilado o homem pecador, chama-o agora milagrosamente a uma nova vida. Pela sua ressurreição, somos restituídos à vida, desde agora”.

Não há teologia da cruz sem o complemento natural – a teologia da glorificação. Ou seja, não há Páscoas sem sexta-feira santa e não há sexta-feira santa sem Páscoa. É fácil encher o cristianismo de tribulação e angústia. Mas se a cruz é a cruz de Jesus e não uma especulação a respeito da cruz, que qualquer um pode fazer, não se pode esquecer que o crucificado levantou-se dos mortos no terceiro dia.

O ponto crucial da cristologia tem sido discutido debaixo de suas conceituações: a humilhação e a exaltação de Cristo. A humilhação inclui, como nos diz o Credo dos Apóstolos, “padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado”. A cruz, para qualquer um, seria humilhação e abandono. Mas o que dá significado à humilhação é o fato de que esse homem, Jesus, é o filho de Deus, que não é outro senão Deus mesmo, que se humilha e se entrega a si mesmo nele.

Quando tudo é completado pela exaltação de Cristo no mistério da Páscoa, essa glorificação é certamente a glorificação do próprio Pai. É a sua honra que triunfa ali. Mas o verdadeiro mistério da Páscoa é que o homem é exaltado, colocado à mão direita de Deus para triunfar sobre o pecado e a morte.

## **5 - Quem, afinal de contas, foi julgado?**

O relato histórico nos conta que Jesus, com diversas acusações tolas feitas por Anás e Caifás, era o culpado. Por isto, foi julgado e condenado. Tudo muito injusto, é claro.

O que houve, no entanto, foi uma substituição. O pano de fundo é a reconciliação do homem com Deus, que se realiza com Deus colocando-se a si mesmo no lugar do homem e o homem sendo colocado no lugar de Deus – um ato da graça divina. Esse milagre inconcebível é a nossa reconciliação.

Na crucificação, Deus toma sobre si aquilo que é merecido pelo homem. Se Deus não agisse assim, a criatura seria destruída pelo pecado. Deus não deseja isto para o homem. Ao contrário, Deus quer que o homem se salve. Só a entrega de Deus a si próprio é suficiente para salvar o homem. A reconciliação significa Deus tomando o lugar do homem.

Na morte de Jesus, Deus cumpriu a sua lei. Deus agiu como juiz em relação ao homem. No julgamento, o homem é condenado mas Deus se coloca em seu lugar. É o que fala Paulo: “ele foi entregue por nossas transgressões”.

Nesse processo, o julgamento de Deus é executado e a lei de Deus é aplicada. Mas o que o homem deveria sofrer, é Cristo quem sofre. Eis porque Jesus Cristo é o Senhor, pois se coloca no nosso lugar diante de Deus, tomando sobre si mesmo o que pertenceria a nós. Nele, Deus se torna fiador, por aquilo que somos de amaldiçoados, culpados e perdidos. Dessa maneira, Jesus dá fim à maldição. Não é da vontade de Deus que o homem pereça; não é da vontade de Deus que o homem pague o que deveria pagar. Em outras palavras, Deus extirpa o pecado. É isto que Deus faz: determina o castigo mas toma o lugar do culpado. A justiça de Deus não se choca com sua misericórdia e seu amor. Isto é graça. Este é o mistério da sexta-feira santa.

Por isto, temos que ir além da sexta-feira santa. Não somos mais considerados por Deus como pecadores que precisam passar pelo julgamento de suas culpas. Nada mais temos a pagar. Somos libertados pela graça, pelo fato de Deus se ter colocado no banco dos réus por nós e sofrido o castigo.. Como diz Paulo em Colossenses 1.22, agora que fomos reconciliados no corpo de sua carne, mediante a sua morte, podemos nos apresentar perante Ele como santos, inculpáveis e irrepreensíveis.

## **6 - A mensagem da Páscoa**

Ao terceiro dia ressurgiu dos mortos. Esta é a mensagem da Páscoa. Ela assegura que não foi em vão que Deus humilhou-se a si mesmo em seu filho. Fazendo isto, ele pode retornar a sua própria honra e confirmar a sua própria glória. Por sua misericórdia, triunfou sobre a sua humilhação e o resultado é a exaltação de Jesus Cristo. Na ressurreição de Jesus, o homem é exaltado e apontado como aquele que se tornou livre na morte de Cristo.

Esta é a mensagem da Páscoa, o fim do processo de reconciliação do homem com Deus, ou seja, a redenção do homem. O homem é agora uma criatura redimida. Está livre de tudo aquilo que tinha domínio sobre ele, como a maldição e a morte. Ele passa a fazer parte do Reino de Deus. O homem não é mais seriamente olhado por Deus como um pecador. Ele agora é um homem justificado. Isto é mais do que ser simplesmente perdoado. Como nos diz o antigo hino, “Tu não somente perdoas, purificas também ó Jesus”.

O homem está em Cristo Jesus, que morreu por ele e, em virtude de sua ressurreição, pode viver para a glória de Deus. Nesse terceiro dia, começa uma nova vida para Jesus, uma nova vida para o homem, uma nova era para a humanidade. O velho mundo foi completamente banido e exterminado na morte de Jesus. Na Páscoa, fica claro que a vitória de Deus em favor do homem já foi ganha. A Páscoa é a grande promessa de nossa esperança. Mas simultaneamente esse futuro já está presente na mensagem da Páscoa. É a proclamação de uma vitória já alcançada. A guerra acabou, embora alguns, que não souberam da notícia, ainda lutem aqui e ali. A partida está ganha embora o jogador oposto ainda faça alguns movimentos. O relógio da parede chegou ao fim de sua corda embora o pêndulo ainda esteja balançando. Estamos vivendo no tempo interino entre o velho que já passou e aquele em que tudo se fará novo. A mensagem da Páscoa nos diz que os nossos inimigos, o pecado e a morte, foram derrotados. Eles ainda se comportam como se a partida ainda não tivesse sido decidida. Precisamos reconhecer a presença deles mas precisamos deixar de ter medo deles.

### **7 - A proclamação da vitória**

A ressurreição de Jesus revela e completa essa proclamação de vitória. É por isto que Paulo exorta a Timóteo: “Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos” (2 Tm 2.8). Na ressurreição de Cristo já teve início a nossa própria ressurreição. Ela já foi antecipada, anunciada, garantida. Tudo o que os cristãos que nos trouxeram até aqui viveram, creram, amaram e sofreram jorrou dessa única fonte, a ressurreição de Cristo. Toda a vida cristã é faísca desse fogo, é reflexo do túmulo vazio.

A vida só é vida mesmo na medida em que cremos na ressurreição. A vida sem ressurreição não é nada. “Se Jesus não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé” (1 Co 15.14), já dizia o apóstolo Paulo. A ressurreição de Cristo é a glória para nós. É a resposta às nossas perguntas. Quem foi condenado, crucificado, morto e sepultado na sexta-feira santa?

Não só Jesus, mas com ele e em sua pessoa, todos nós. Nós fomos aniquilados naquela cruz. E por isto, na Páscoa, ressuscitamos todos nós. Depois de tudo arrasado, começou tudo de novo para nós. Tudo. Mas de maneira inteiramente nova. Com esse pobre material que nós somos, Deus faz tudo novo.

Mas o que Deus exige desse material ressuscitado? Deus quer que esqueçamos o medo, as preocupações e a fome pelo poder e pelo renome, porque tudo isto já foi crucificado, morto e sepultado. Deus quer que aceitemos a alegria e a paz que nos foram presenteadas por ocasião da Páscoa. Ele quer que trilhemos o seu caminho, pois todos os outros são verdadeiros becos sem saída.

A pequena frase da carta a Timóteo diz: lembra-te! Mantém na lembrança, na agenda, no caderninho de notas, pense nisto, não se esqueça. Podemos nos esquecer de muita coisa nesta vida mas não podemos nos esquecer do Cristo ressuscitado. Todos os erros, equívocos, maldades, parcialidades, medos, agitações com que nos torturamos e com os quais amarguramos a vida dos outros tem sido por que não nos lembramos de que Ele ressuscitou.

É claro que um dia vamos morrer. Porém, mais do que isto, nós já podemos viver. Nós e todo o mundo. Por isto a humanidade tem todo direito de alimentar sua esperança. Deus nos deu esse direito. Na Páscoa.

## OS DISCÍPULOS NO CAMINHO DE EMAÚS

Texto base: Lucas 24.13-35

### 1 – INTRODUÇÃO

O cenário do texto é o caminho feito por dois discípulos de Jerusalém a Emaús, distantes aproximadamente 11 quilômetros uma da outra, o que equivaleria a uma viagem a pé de um dia e uma noite. Completando o cenário temos o local onde passaram a noite. No início há apenas três personagens: os dois discípulos e Jesus. Somente nos versículos finais entram em cena os discípulos e apóstolos que permaneceram em Jerusalém.

Podemos dividir este texto em três partes, que condensam simbolicamente o ministério de Jesus entre os homens:

- 1- O ensino de Jesus pelas estradas da palestina;
- 2- O ensino profundo, interpretativo, prático e escatológico do Antigo Testamento;
- 3- A comunhão, os momentos de intimidade e o alimento espiritual.

O que poderia fazer deste texto também um resumo do ministério de Jesus.

### 2 – A FALTA DE PERSPECTIVA (Lucas 24.13-16)

Nestes três versículos vemos dois discípulos, um dele chamado Cleopas, que saíam de Jerusalém para um povoado chamado Emaús, desanimados, tristes e sem esperanças com a crucificação e morte de Jesus. Pelo caminho discutiam e conversavam sobre tudo que havia acontecido nos últimos três dias, esquecendo-se de todas as maravilhas que Jesus realizou. Demonstrando uma apostasia em sua fé. Onde apostasia significa **afastar-se da união vital com Ele e da verdadeira fé Nele**.

#### Pare para pensar:

Você está vivendo das imagens do passado?

Você não consegue mais se lembrar de momentos agradáveis?

Você está vivendo das amarguras de um passado trágico que ficou para trás, mas que ainda te machucam?



Saiba que se essas imagens do passado são projetadas na sua mente agora, e isso ainda te machuca, é por que esta ferida ainda não cicatrizou, Jesus se aproxima a você agora, as decepções vão passar, o passado será lançado no mar do esquecimento.

### 3 – UM ENCONTRO ABENÇOADO (Lucas 24.17-24)

Aqui vemos que Jesus se aproxima dele, caminha com eles, pergunta-lhes o motivo de suas tristezas, ouve seus problemas.

Jesus também age assim conosco, se aproxima de nós, caminha conosco, pergunta-nos o motivo de nossa tristeza, basta que falemos com Ele.

Os discípulos não o reconheceram, pois seus olhos estavam como que fechados pela falta de conhecimento da palavra, muitas vezes Jesus está do nosso lado e também não o reconhecemos, pois estamos cegos pelos nossos problemas e por não conhecermos as Escrituras.

#### **4 – ENSINAMENTOS E EXPOSIÇÕES FRUTIFERAS (Lucas 24.25-27)**

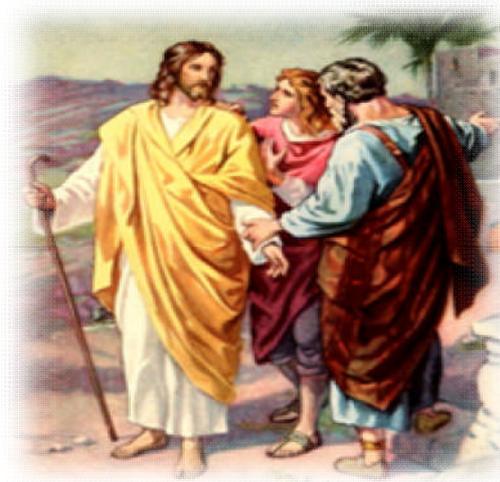
Após ouvir os discípulos, Jesus fala sobre a necessidade de que Ele sofresse e assim recebesse de Deus toda glória, começa a explicar tudo que as Escrituras Sagradas falavam a respeito Dele, iniciando pelos livros de Moisés e os escritos dos Profetas.

Veremos mais adiante que seus corações pareciam queimar dentro do peito enquanto Jesus falava e explicava as Escrituras.

#### **Pare para pensar:**

Por qual destes dias você passando? Está em choque, com uma pontinha de esperança ou já caiu na decepção e no desespero?

Qualquer um que seja o seu dia, Jesus está se achegando a você nesta hora. Ele toca nas suas feridas, ele toca na sua decepção, ele quer mudar sua visão do mundo e das coisas, deixe Jesus mexer dentro de você.



#### **5 – UM CONVITE PARA JESUS (Lucas 24.28-30)**

Quando chegaram a Emaús, Jesus fez como quem continuaria sua viagem, mas os discípulos insistiram para que Jesus ficasse com eles. Jesus espera que nós façamos este convite para Ele para que possa cuidar de nós.

Após o convite Jesus entra com eles, sentando-se à mesa, pegou o pão e deu graças a Deus, depois o partiu e deu a eles, e neste momento seus olhos se abrem e eles reconhecem Jesus.

#### **6 – A ALEGRIA DO REENCONTRO E AS BOAS NOVAS (Lucas 24.31-35)**

Aqui vemos que eles depois de aprenderem sobre as Escrituras e voltarem a comunhão com Jesus, saíram da inércia e foram espalhar as Boas Novas de Jesus.

#### **7 – UM MOMENTO PARA REFLEXÃO DO TEXTO**

Nesta lição podemos identificar muito do que acontece nos dias de hoje nas igrejas e a importância da Escola Bíblica Dominical para o amadurecimento dos cristãos de todas as idades.

João Wesley tinha consciência da importância dos cristãos conhecerem as Escrituras Sagradas e para isso incentivava aos metodistas a estudarem a Bíblia. E a Escola Dominical é o melhor lugar para isso.

Entendamos melhor isso nos dias de hoje.

1- Nos versículos de 13 a 16 temos cristãos caminhado para uma apostasia de sua fé, visto que não tinham compreensão da Palavra, não a interpretavam e nem a entendiam. Com isso, estavam numa inércia sem espalhar as boas novas, tristes e desanimados;

2- Nos versículos de 17 a 24 identificamos alguns fatores que podem levar os cristãos a esfriarem na sua fé. Entre eles poderíamos destacar pastores e lideranças das igrejas descompromissadas com a obra de Deus ou envolvidas em corrupção, e outros atos que não

condizem com um verdadeiro modelo de vida cristã e principalmente não saber ler, interpretar e entender a Bíblia;

3- Nos versículos 25 a 27 identificamos o amadurecimento daqueles cristãos, que começam a ter um contato direto com as Escrituras Sagradas, começam a entender e interpretar as Escrituras e tem seus corações aquecidos pela Palavra de Deus;

4- Nos versículos 28 a 30 eles tomam a decisão importante de suas vidas, eles convidam Jesus a fazer parte de suas vidas;

5- Nos versículos 31 a 35 vemos a alegria que toma conta de suas vidas, eles saem da inércia e vão compartilhar com os outros a sua alegria. A uma mudança de atitude, de meros receptores eles passam a ser também transmissores, eles deixam de apenas ouvintes para serem multiplicadores das boas novas de Deus, que é trazer de volta o homem para a comunhão com Ele.

## **8 – CURIOSIDADES**

Não existem muitos dados sobre quem seriam esses discípulos nem sobre como e onde viviam. Dentre as variadas suposições, o pesquisador Charles Caldwell Ryrie afirma que o companheiro de Cleopas seria, na verdade, a sua esposa. Outros teólogos identificam o discípulo Cleopas deste texto como o mesmo que encontramos em João 19.25 (Cleopas) e, neste caso, o nome de sua esposa era Maria.

Referências sobre a ressurreição do Messias também podem ser encontradas no /antigo Testamento, como por exemplo, Isaias 53 e Salmos 16 e 22.

## **9 – REFLEXÕES.**

Assim como os discípulos de Emaús (v. 16), freqüentemente nem percebemos o quanto o Senhor está perto de nós.

- 1- Por que os discípulos não O reconheceram?
  - a. Porque seu olhos estavam impedidos (Genesis 21.19).
  - b. Eles não creram (vs. 22-23).
  - c. Demoravam a entender (Lucas 18.34, Lucas 24.25).
  - d. Jesus apareceu em “outra forma” (Marcos 16.12, Mateus 14.26, João 20.15). O corpo do Senhor ressuscitado não é mais o mesmo corpo físico de antes da ressurreição. Muito possivelmente era algo parecido com o corpo glorificado. Embora Jesus seja tocado por Tomé e coma e beba com os discípulos, seu corpo desaparece da mesa dos discípulos de Emaús na hora em que ele parte o pão e aparece aos discípulos reunidos em João 20, apesar da porta trancada.
  - e. Os discípulos de Emaús pensavam que o Senhor era um estrangeiro de uma terra longínqua, um visitante da festa Páscoa.
- 2- A reação dos discípulos na ausência do Senhor:
  - a. Entristeceram-se por terem perdido o Senhor (v. 17)
  - b. Manifestaram sua esperança humana (v. 21)
- 3- Sua atitude quando o reconheceram:
  - a. Apresentam-se para transmitir as boas novas.
  - b. Perderam o medo.
  - c. Sentiram-se ricamente recompensados quando, comparando com outras manifestações de Jesus ressuscitado, que também apareceu a outros discípulos e discipulas, viram na comunidade de discípulos confirmada a alegria do reencontro com o Mestre.

## **10 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS**

Bíblia Anotada e expandida – Mundo Cristão e SBB – 1ª Edição – 2007  
Bíblia Vida Nova – Vida Nova e SBB – 17ª Edição – 1993  
Bíblia do Pregador – Esperança e SBB – 1ª Edição – 2009

## **MULHERES – AS PRIMEIRAS A VER JESUS RESSUSCITADO**

### **1 - Textos Bíblicos:**

“Por que buscais entre os mortos ao que vive? Ele não está aqui, mas ressuscitou”  
(Lc 24.5-6)

“Então os anjos lhe perguntaram: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela lhes respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. Tendo dito isto, voltou-se para trás e viu Jesus em pé mas não reconheceu que era Jesus. Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, supondo ser o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde opuseste, e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse em hebraico: Raboni! (que quer dizer mestre). Recomendou-lhe Jesus: “Não me detenhas porque ainda não subi para meu pai, mas vai ter com os meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus. Então saiu Maria Madalena anunciando aos discípulos: Vi o Senhor!! E contava que ele lhe dissera estas coisas”. (Jo 20.11-18)



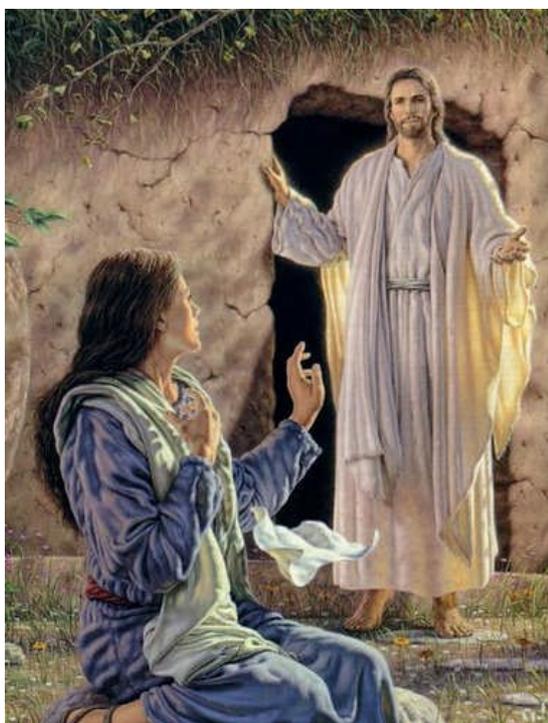
### **2 - A reação dos discípulos**

Durante três anos Jesus preparou os seus discípulos para os eventos da chamada semana santa, quando todos se dirigiram a Jerusalém. Sobre sua morte e ressurreição, foram inúmeras vezes. A narrativa de Lucas 18.31 a 34, repetida por Mateus (20.17-19) e Marcos (10.32.34), mostra com bastante clareza o que aconteceria. No versículo 34 do texto de Lucas, é dito que “eles, porém, nada compreenderam acerca destas coisas; e o sentido destas palavras era-lhes encoberto, de sorte que não percebiam o que ele dizia”.

Assim, os onze discípulos remanescentes depois da morte de Judas, não estavam preparados para os grandes acontecimentos que ocorreriam na madrugada do primeiro dia da semana. Depois da crucificação, temerosos, refugiaram-se em sua casa. Para eles, a grande aventura que viveram pelos caminhos inóspitos da Galileia tinha se acabado. Pedro, como era do seu temperamento, decidiu ir pescar, isto é, voltar a suas atividades de pescador e esquecer todos os planos admiravelmente propostos por Jesus em suas mensagens e nas conversas que ele tinha ao pé do ouvido com o grupo. Acabara-se tudo.

Algumas mulheres, que tinham vindo com Jesus desde a Galileia (Lc 23.55), embora também não tivessem nenhuma certeza sobre a ressurreição, acompanharam as atividades do sepultamento de Jesus, “viram o túmulo e como o corpo fora ali depositado”. Depois, se retiraram, continua a narrativa de Lucas, para preparar aromas e bálsamos para serem colocados no corpo de Jesus..O evangelista Marcos (Mc 15.47) diz que Maria Madalena e Maria, mãe de José, observavam onde o corpo foi posto. Foram as únicas que acompanharam o enterro de Jesus.

### **3 - As mulheres e a Ressurreição**



Era costume da época na Palestina colocar-se, durante os três dias posteriores ao enterro, perfumes e bálsamos nos corpos dos entes queridos. Eles criam que durante três dias o espírito da pessoa morta dava voltas e esperava bem perto do sepulcro. Só depois desse período se ia porque o corpo já havia se tornado irreconhecível pela decomposição natural.

Já que no sábado, de acordo com a lei mosaica ninguém podia ter qualquer atividade, Maria, na madrugada do primeiro dia da semana, foi ao túmulo e ficou apavorada ao ver que a pedra do túmulo de Jesus tinha sido removida. Mateus (27.66) relata que os judeus haviam selado a pedra para assegurar-se de que ninguém a moveria. Ela talvez tivesse pensado em duas coisas. Podia ser que os judeus tivessem levado o corpo de Jesus e estivessem infligindo mais profanações nele. Podia ser também, o que não era incomum já naquela época, que tivessem assaltado o sepulcro. Foi uma situação que Maria não soube enfrentar sozinha. Por isto, voltou à cidade para procurar Pedro e João e informar que retiraram Jesus do sepulcro e ela não sabia onde o colocaram.

Pedro e João (Jo 20.1-10) atenderam o chamado e dirigiram-se até o túmulo, certificando-se de que estava vazio. O texto nos diz que os dois discípulos, “ainda não tinham, compreendido a Escritura, que era necessário ressuscitar ele dentre os mortos (Jo 20.9)”. Assim, voltaram os dois para casa.

O escritor austríaco Stefan Zweig, que viveu seus últimos anos no Brasil, num livro chamado “O Momento Supremo”, diz que o que distingue os grandes homens dos pequenos é justamente o aproveitamento das oportunidades. Ele conta a história de diversas pessoas que, por estarem no local certo e com a ideia certa, revolucionaram o mundo. Naquele domingo de manhã, Pedro e João, os mais importantes dos discípulos de Jesus, perderam aquela experiência e voltaram para casa sem ver o Cristo

ressuscitado nem ouvir a Sua voz, glória que ficou com Maria Madalena. Foi ela a primeira pessoa a encontrar-se com o ele, de quem recebeu a tarefa de procurar os discípulos e anunciar-lhes a ressurreição.

#### **4 - Esperar contra a Esperança**

O saudoso bispo Sante Uberto Barbieri, tem uma poesia que vale a pena transcrever no encerramento desta lição, que revela não só a sensibilidade das mulheres como o seu amor por Jesus.

#### **5 - Maria Madalena e...**

“Ora, Maria Madalena e Maria, mãe de José, observavam onde ele foi posto... Marcos 15.47

Pouca gente foi ao teu sepultamento, Jesus.  
Tão só duas mulheres ousaram seguir os passos  
de José de Arimatéia e Nicodemos,  
o que foi ter contigo de noite  
por medo de ser visto e  
acusado de ser teu cúmplice.

Duas mulheres, duas Marias,  
vindas de longe para ver a tua glória.  
A dor delas, única canção, foi de Adeus,  
perante esse sepulcro de pedra.  
Canção murmurada em surdina  
com acompanhamento de lágrimas  
brotadas das subterrâneas fontes da alma.

Já em outro lugar, uma delas tinha-Te cingido o corpo,  
em vida, com as suas lágrimas e o seu unguento,  
e o amor sem palavras numa devoção sem reservas.  
Somente essas duas mulheres foram fortes  
para acompanhar-te na despedida dos teus  
mortais despojos.

Terá Deus posto na mulher, mais do que no homem,  
um sentido mais profundo de sensibilidade e compreensão?  
Elas estiveram durante a Tua agonia  
e na tua agonia,  
e no teu enterro,  
como quem espera contra a esperança.  
Por isso foram também as primeiras  
a ouvir Tua voz,  
quando subiste do misterioso vale da morte.

**Jamais morre a semente da esperança  
quando é semeada no coração de Deus.**

• • •

## A GRANDE COMISSÃO – O IDE DE JESUS

### 1 - Textos Bíblicos:

#### **Mateus 28: 18-20**

“Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século”.

#### **Atos 1.6-8**

“Então, os que estavam reunidos lhe perguntaram: Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel? Respondeu-lhe: Não vos compete conhecer tempos ou épocas em que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade; mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra”.



### 2 - A hora da verdade

Durante três anos, Jesus esteve fazendo o seu ministério terreno. Uma de suas maiores preocupações era, sem dúvida, o treinamento, a capacitação dos discípulos que ele escolhera. Jesus sabia que, findo seu ministério terreno, todas as responsabilidades ficariam nas mãos de seus discípulos. Ele, o mestre dos mestres, ensinou muito bem o que queria que os discípulos precisavam saber. “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a

conhecer (Jo 15.15)”

Apesar disto, o certo é que, quando estava chegando a hora da verdade, a crucificação e a morte de Jesus, e as oportunidades de colocar em prática tudo o que aprenderam, os discípulos, acovardados, falharam lamentavelmente. Ficaram com medo, fecharam-se dentro de casa ou tentaram voltar às antigas atividades porque tudo estava acabado.

Jesus ressurreto, embora não estivesse presente com os discípulos durante todo o tempo, aproveitou bem aqueles 40 dias para fazer com eles o que chamaríamos hoje de “curso de recuperação”. Isto é, receberam uma nova chance de corresponder às grandes expectativas que Jesus depositou neles desde quando os chamou.

Quando Jesus chamou Pedro e seu irmão André, ambos pescadores, como se vê em Mateus 4.18-19, ele lhes disse: “vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens”. Essa era, desde o princípio, a tarefa que Jesus tinha planejado para todos os seus discípulos. Tudo o que Jesus lhes ensinou foi justamente como ser pescadores de homens, ou seja, evangelistas, portadores da Boa Nova que é Jesus.

Assim, depois da ressurreição, Jesus não modificou o seu ensino mas reforçou basicamente a sua grande prioridade, isto é, salvar almas. João Wesley dizia que “nós não temos nada a fazer a não ser salvar almas”.

### **3 - A grande comissão**

O texto acima do Evangelho segundo Mateus é muito importante. O texto nos mostra que Jesus deu três coisas muito importantes aos discípulos.

Primeiramente, Jesus lhes deu segurança sobre o seu poder. Depois, lhes deu uma comissão, isto é, uma ordem de ação. Finalmente, Jesus lhes deu a promessa de sua presença.

Vamos por partes. “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra”. Antes de sua morte, por mais que Jesus revelasse todos os seus planos, ainda poderia haver alguma dúvida por parte dos discípulos. Agora, com sua ressurreição, isto é, sua glorificação, não havia mais dúvida de que aquele que vencera a morte tinha todo o poder nas mãos. Essa segurança sobre seu poder e autoridade era talvez uma das coisas que faltavam anteriormente. Os sofrimentos de Jesus e as humilhações de que foi vítima, podiam, de certo forma, minar a confiança dos discípulos em Jesus. Seria humano até.

Agora, não. Agora, que Jesus vencera a morte, nenhuma dúvida havia por parte deles. Agora, eles eram servos de um Senhor cuja autoridade sobre a terra e o céu estava absolutamente fora de qualquer dúvida. Assim, depois dessa afirmativa, Jesus lhes deu uma comissão, uma tarefa.

“Ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Jesus os enviou para que convertesse os homens em discípulos seus. Em todas as nações. Há nesse versículo uma forma tríplice da tarefa de evangelizar:

1. Proclamar – obra de divulgação (ide... fazei discípulos...)
2. Difundir – obra de extensão (de todas as nações)
3. Estabelecer – obra de consolidação (ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado)

### **4 - Proclamar**

Essa tripla maneira de executar o trabalho está, pois, em perfeita harmonia com a natureza do Evangelho, sua bondade intrínseca, seu caráter universal e seu poder criador de vida e ação. Essas características do Evangelho o tornam aceitável a toda criatura. Mais do que aceitável, necessário. Jesus manda fazer discípulos. No dicionário, discípulo significa aluno. Esse discipulado cristão é muito mais do que isto. É aderir totalmente à pessoa de Jesus. A ordem dada por Jesus de fazer discípulos não significa que Pedro, João e os demais teriam que fazer os “seus” próprios discípulos mas discípulos de Jesus. Isto exige um modo especial de ensinar. Em Mateus 7.29, na parte final da narrativa do chamado sermão da montanha, nós lemos que Jesus ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas. Por isto as multidões ficaram maravilhadas com sua doutrina.

A palavra discípulo é mencionada cerca de 250 vezes no Novo Testamento, embora exclusivamente nos Evangelhos e em Atos. Neste livro, a palavra discípulo recebe uma

extensão muito maior, pois designa em geral todos os cristãos. Ser discípulo implica fé incondicional naquele que é o Senhor. A evangelização, nasce, pois, de uma paixão por Cristo,. Nós nos convencemos de sua bondade redentora, transformadora e criadora e sentimos o desejo de compartilhar com os outros a experiência que temos recebido. Para ao verdadeiro cristão, esse desejo é uma verdadeira compulsão. Por isto o apóstolo Paulo bradava “Ai de mim se não pregar o Evangelho”.

Os dois textos bíblicos acima falam, em essência, da mesma coisa. No de Mateus, fala-se em fazer discípulos. No de Atos, a ordem é de ser testemunhas de Jesus. Não se pode fazer discípulos sem ser uma testemunha fiel de Jesus, de seus ensinamentos, de sua vida e de seu sacrifício de amor.



## **5 - Difundir**

Nós sabemos que certos tipos de plantas têm terrenos mais adequados para seu crescimento. As oliveiras produzem melhores azeitonas em Portugal, Espanha, Itália e Grécia, daí serem preferidos os azeites que produzem. Maçãs, cerejas e uvas, como tantas outras frutas, têm locais privilegiados para sua produção.

Deve-se proclamar o Evangelho, isto é, plantá-lo, semeá-lo em qualquer lugar. O Evangelho não surgiu para medrar apenas em determinado tipo de solo, isto é, de nação. Toda a terra é ambiente propício para sua implantação. Jesus não daria a seus discípulos, e a nós mesmos, uma ordem inexecutável.

Outra similaridade dos dois textos é quanto à difusão do Evangelho. No de Mateus, fala-se claramente em todas as nações. No texto de Atos, Jesus vai por partes, exigindo que seus discípulos sejam testemunhas em Jerusalém, como em toda Judeia e em Samaria e até aos confins da terra. Por que Jesus assim falou em Atos, pouco antes de subir aos céus?

É bom refletir um pouco sobre isto, sobre esta certa hierarquia dos alvos da evangelização. Era preciso ser testemunha em Jerusalém, a cidade onde eles estavam naquele momento. Mas Jesus, não se limitou a Jerusalém, a maior cidade da nação. Logo a seguir ele menciona a Judeia toda, sem esquecer-se de Samaria, um povo dissidente de Israel desde a grande divisão do reino (1 Rs 12.1-15). Finalmente, Jesus fala que os discípulos deveriam ser testemunhas até os confins da terra.

Às vezes, por comodidade nossa, nós temos pensado muito mais em ser testemunhas nos confins da terra do que em nossa própria cidade ou estado. Hoje temos missionários nos Estados Unidos, Suíça, Inglaterra, etc., países cristãos, mas não temos trabalho em cerca de 5.000 municípios do nosso imenso Brasil.

## **6 - Estabelecer**

Isto é, consolidar a obra. Não se trata de fazer construções ou adquirir propriedades, que são coisas importantes, é claro, mas não fundamentais. Estabelecer é principalmente chamar as pessoas ao arrependimento e aceitação de Jesus como profeta, sacerdote e rei. É ensinar as pessoas sobre o que Jesus mandou. Estabelecer é ter paixão pelas

almas. Evangelizar é um trabalho pessoal, absolutamente pessoal. A igreja faz missões; o crente faz evangelização.

## 7 - Cada metodista, um evangelista

Muitos anos atrás tivemos em nossa Igreja no Brasil uma campanha evangelística



que tinha aquele lema. Se todos naquela época tivessem sido evangelistas, nossa Igreja hoje seria muito maior. Só três vezes a palavra evangelista aparece na Bíblia. A primeira em Atos 21.8, quando Paulo chama Filipe, um dos sete diáconos, de evangelista. E certamente ele foi um evangelista, como se pode ver no relato de seu encontro com o eunuco de Candace, rainha dos etíopes, que foi batizado por ele. No final do capítulo, o seu autor revela que “Filipe veio a achar-se em Azoto e, passando além, evangelizava todas as cidades até chegar em Cesaréia. A segunda vez é quando Paulo comissiona alguns para apóstolos e outros para evangelistas (Ef 4.11-12),” com vistas ao

aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo”.

A terceira vez é quando Paulo exorta seu discípulo Timóteo (2 Tm 4.5) a fazer o trabalho de um evangelista para cumprir cabalmente o seu ministério.

Ou seja, a tarefa de evangelizar, o trabalho de fazer discípulos, não é uma tarefa apenas dos pastores ou, mesmo, dos líderes de cada igreja. É trabalho de todos.

Foi com o trabalho evangelístico dos leigos que o Metodismo cresceu. Como dizia o Bispo Francis Gerald Ensley, em seu livro “João Wesley Evangelista”, “grande parte do gênio do metodismo é devida à maneira como Wesley abriu a boca dos leigos e lhes deu grandes responsabilidades”. O bispo Sante Uberto Barbieri enfatiza que “na verdade não podemos entender o movimento metodista sem levar em consideração a obra efetiva de tantos que trabalharam em posições secundárias e sem ordenação eclesiástica de qualquer espécie, mas que receberam, sem dar margem à dúvida, a ordenação invisível do Espírito Santo. Porque levar a cabo a obra de Cristo não depende de ordenação e sim de uma paixão profunda por Cristo e seu Evangelho”.

O lema é antigo mas continua inteiramente válido: **CADA METODISTA, UM EVANGELISTA**. Igreja que não evangeliza, morre. Você vai deixar a Igreja Metodista de Vila Isabel morrer?

• • •

## **JESUS DISSE: “EU SOU...”**

Na lição de hoje, tomaremos o que Jesus fala de si mesmo, ou melhor, como ele se apresenta. Particularmente as apresentações em que ele começa por dizer “Eu sou” no Evangelho de João.

### **1 - Jesus é o Messias, mas Jesus não quer que ninguém saiba disso.**

Ler Mateus 16:13-20



Numa conversa com os discípulos, Jesus lhes pergunta: “Quem as pessoas dizem que eu sou?” E os discípulos respondem que uns diziam que Jesus era João Batista (que já havia sido assassinado por Herodes), outros que Jesus era Elias (o famoso profeta do Antigo Testamento) e outros diziam ainda que ele era mais um dos profetas.

Como vemos, as pessoas dali de Cesaréia, onde estavam (Mt 16:13) de fato não sabiam quem Jesus era.

Então Jesus continua a conversa: “E vocês, quem vocês acham que eu sou?” Simão Pedro prontamente respondeu: “Tu

és o Messias (em grego, o Cristo), o Filho do Deus vivo”.

Jesus então assume diante dos seus discípulos quem ele realmente é: “Você está certo, Pedro. Eu não sou apenas um profeta ou um mestre, eu sou o Messias!”

Em seguida Jesus ordena aos seus discípulos: “Não digam para ninguém que eu sou o Messias!”

O povo sofrido de Israel esperava há muitos anos pelo cumprimento da profecia messiânica, ou seja, de que da raiz (descendência) de Davi viria um novo rei semelhante a Davi, que lideraria o povo a libertar-se de seus opressores. Essa esperança messiânica foi tornando o messias esperado cada vez mais um rei político e militar. Jesus não queria ser reconhecido, identificado e aceito por causa dessa expectativa messiânica. Por isso no evangelho de Marcos, o primeiro evangelho a ser escrito, Jesus constantemente recomenda às pessoas curadas por ele “siga seu caminho e não conte o que aconteceu para ninguém!” É o que os estudiosos da Bíblia chamam de “o segredo messiânico”. Jesus era o Messias, mas isso deveria permanecer um segredo.

Em dado momento quando Jesus afirma que “o reino dele não é desse mundo”, o seu discípulo Judas Iscariotes, a quem a história extra-bíblica identifica como um ardoroso defensor da luta armada para a libertação de Israel, fica tão desapontado com Jesus, que o trai por 30 moedas de prata (o preço de um escravo), e o parte do povo de Jerusalém pede clemência pela vida de Barrabás (reconhecidamente um guerrilheiro contra os romanos) e não se compadece de Jesus: “Crucifica-o!”.

Jesus ao longo de sua vida evita ao máximo aplicar a si mesmo o título de Messias, como se de fato não gostasse desse título messiânico. Prefere aplicar a si o título de Filho do Homem. Curiosa e tragicamente Jesus tornou-se universalmente conhecido pelo título que evitava para si: “o Cristo”.

Poucas vezes Jesus assumiu ser o Cristo. Além dessa vez na conversa com os discípulos em Mt 16:13-20, temos Jesus assumindo ser o messias:

- a) junto à mulher samaritana no poço de Jacó (Jo 4:26)
- b) após ser preso e ao estar sendo interrogado pelo sumo-sacerdote (Mc 14:62)

Mesmo quando Pilatos pergunta a Jesus: “Estão lhe acusando de ser um blasfemador. Então você é rei?”, Jesus lhe responde: “Você é quem está dizendo que eu sou rei (leia-se o Messias!)”. Ao que Pilatos conclui: “Eu não encontro nele qualquer motivo de condenação (de ameaça ao império romano ou de blasfêmia à religião judaica). Ao que as principais autoridades disseram: “Nós temos uma lei, e segundo a lei ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus” (Jo 19:7). E se você soltar esse homem, você será infiel a César. Todo aquele que diz ser rei se coloca contra César. Nós não temos outro rei senão César” (Jo 19:8, 12 e 15). Amedrontado Pilatos cedeu: “Encarreguem-se vocês mesmos de crucificá-lo, pois eu não encontro nenhum crime nele” (Jo 19:6). Mesmo sabendo a inocência de Jesus, Pilatos literalmente “lavou as mãos”.

## 2 - Eu sou o bom pastor

João 10:7 - Jesus, pois, lhes afirmou de novo: Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas.

João 10:9 - Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem.

João 10:11 - Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas.

João 10:14 - Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim,



O texto de Jo 10:1-18 se dá dentro do contexto de cura do cego de nascença a quem Jesus passa logo em seus olhos e o manda lavar-se no tanque de Silóé (Jo 9:1-12). Os fariseus interrogam esse ex-cego, se irritam com ele e acabam por expulsá-lo (Jo 9:13-14).

O conflito surgiu porque Jesus curou o cego num dia de sábado, ao que foi raivosamente acusado: “Esse homem (Jesus) não é de Deus, porque não guarda o sábado”. Como em tantas outras ocasiões, esses religiosos ao invés de sentirem alegria porque o cego (ou o enfermo) fora poderosamente curado, sentiram raiva pelo desrespeito de Jesus às suas leis religiosas”.

Ao texto de Jo 10:1-21 as notas de rodapé da Bíblia Pastoral, da Edições Paulinas, com pequenas adaptações feitas pelo autor desta lição, afirmam:

*“Nessa comparação, o curral representa a instituição (a religião sem graça e misericórdia) que explora o povo. Os ladrões e assaltantes são os seus líderes e dirigentes. Jesus mostra que sua mensagem (Evangelho) é incompatível com qualquer instituição (religião, religiosidade) opressora e que sua missão é conduzir para fora (libertar, salvar) da influência dela os que nele acreditam, a fim de formar uma comunidade (igreja) que possa ter vida plena e abundante”.*

*“O único meio de libertar-se de opressores ou de uma instituição (religião) opressora é comprometer-se com Jesus, pois ele é a única alternativa (a porta). Jesus é o modelo de pastor: ele não busca os seus próprios interesses; ao contrário, ele dá a sua própria vida a todos aqueles que ouvem, confiam e aceitam a sua mensagem.”*

Logo após Jesus apresentar-se como o “Bom Pastor” e denunciar a religião sem misericórdia dos judeus, uns o acusam de ser um “demônio louco” (Jo 10:20). Outros judeus, no entanto, perguntam-se: “Mas um demônio pode abrir os olhos aos cegos?”

Jesus é o bom pastor porque para ele a vida humana é mais preciosa que os ritos, dogmas e leis religiosas. “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado; de sorte que o Filho do Homem é senhor também do sábado (Mc 2:27-28). Todo dia é dia de solidariedade e compaixão! Todo dia é dia de Graça! Aleluia!

### **3 – Jesus é o Filho do Homem**

“Quem diz o povo ser o Filho do Homem?” (Mt 16:13). Aqui Jesus está falando de si mesmo. É somente Jesus quem chama a si de “filho do homem”, ninguém, nem mesmo os seus discípulos mais íntimos. E Filho do Homem, como vemos na pergunta e na resposta, não é sinônimo de Messias (Mt 16:13) senão a pergunta de Jesus já incluiria a resposta desejada.

Estudiosos da Bíblia pensam que Jesus ao autodenominar-se “filho do homem” adotou as concepções apocalípticas sobre o homem celestial, elaboradas em Daniel, mas que não eram muito conhecidas no seu tempo. E fez isso conscientemente, como falamos anteriormente, para distanciar-se das esperanças messiânicas por demais terrestres e políticas dos seus contemporâneos.

A primeira vez que essa expressão é empregada na Bíblia é no texto profético de Dn 8, que anuncia esperança e estimula o ânimo e perseverança ao povo judeu diante da opressão política e religiosa que Antioco IV, que havia dominado militarmente Jerusalém, quando ele proíbe os sacrifícios no Templo e profana o templo judeu ao instalar aí um altar do deus pagão Júpiter, um dos deuses gregos.

Filho do Homem, portanto, seria um homem celestial que vem sobre as nuvens para salvar e julgar os povos e nações. Filho do Homem é o mesmo que Filho de Deus, o que vem do Céu, o que vem de Deus. Jesus, desse modo, assume sua condição de ser divino e conseqüentemente de Senhor, Salvador e também sua função de juiz.

Mas Jesus amplia o sentido desse termo, incluindo ao Ser Celestial e Soberano, o sentido do “Servo Sofredor”, cujo texto de Is 52:13 a 53:12 descreve “a paixão do Servo: ele é justo e inocente, mas sofre as conseqüências de uma estrutura injusta da sociedade onde vive, e por isso morre esmagado sob o peso dos erros de todos. Contudo, é através de seu aparente fracasso que o projeto de Deus vai triunfar: o Servo é glorificado e traz a salvação para todos”, diz a nota de rodapé do texto em questão na Bíblia Edição Pastoral, página 995.

Jesus, nesse sentido, é aquele que se encarna e toma sobre si, por amor, as dores e sofrimentos do povo (humanidade) que ele ama. Ele é o que vem para que através dele mesmo possamos ser salvos. É o soberano que se humilha, tornando-se um de nós, igual a nós em tudo, exceto no pecado.

O biblista Oscar Cullmann no seu livro **Cristologia do Novo Testamento** afirma:

Jesus *“expressou pelo título “Filho do Homem” sua convicção de haver realizado a obra do homem celestial. E isto de duas maneiras: por um lado, no fim dos tempos na glória conforme a esperança de certos meios judaicos; e por outro, na humilhação da encarnação no seio da humanidade pecadora (idéia alheia a todas as concepções anteriores acerca do “Filho do Homem)”*”.

### **3 - Algumas outras expressões e títulos que Jesus aplica a si mesmo**

#### **a) O Pão da Vida, o pão que desceu dos céus**

João 6:35 - “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede”.

João 6:48-51 - “Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que todo o que dele comer não pereça. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne (a sua morte na cruz)” João 6:48-51).

Jesus se apresenta como aquele que veio de Deus para salvar e dar vida definitiva aos homens.

#### **b) Luz do mundo**

João 8:12 - “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida”

A luz é a veste de Deus (Sl 104:2). Simboliza a presença de Deus (Ex 13:21, 1Sm 3:3). A glória de Deus irradia um esplendor brilhante (Ez 10:4). As aparições divinas são caracterizadas por fenômenos luminosos. A ausência de luz significa ignorância, caos, trevas, malignidade. Nas trevas reside o mal.

Assim, a oposição entre luz e trevas tem, como no Antigo Testamento, um ensino moral (Jo 3:19), a luz põe termo ao reino das trevas. Jesus é a luz, porque Deus é luz. Os que andam na luz são (filhos) da luz, em oposição aos filhos das trevas (Lc 16:8; Ef 5:8) 1Ts 5:5; Jo 12:36). Aqueles que contemplam (voltam o seu rosto e atenção) ao Senhor serão iluminados (Sl 34: 5). Tornando-se igualmente luz do mundo (Mt 5:14-16; Jo 9:5).

#### **c) Eu sou o caminho, a verdade e a vida**

João 14:6 - Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.



Deus cria o ser humano e o coloca no jardim, no Éden, no Paraíso. O pecado o afasta de Deus (Is 59:2) e ele perde seu lugar na intimidade de Deus. O ser humano então é expulso do capítulo de Gn 2 para o capítulo de Gn3, lugar da maldição. Deus não desiste de resgatar o ser humano e envia Jesus. Jesus veio nos resgatar para Deus, para nos reconduzir, digamos, novamente para o capítulo 2, para a plenitude da presença de Deus, para o paraíso; muito embora agora o

paraíso tenha um novo nome, seja Céu ou nova Jerusalém.

Jesus é o caminho do retorno e conversão para Deus. Jesus é o caminho para a intimidade de Deus. Ninguém chega à intimidade e convivência com o Pai se não for por Jesus, seus méritos e seu ensino.

No mundo pagão em que os filósofos gregos buscavam a verdade através do conhecimento, da sabedoria, da razão, Jesus afirma-se como “a verdade”. Jesus é a verdade. A verdade que liberta (Jo 8:32).

Jesus é o verdadeiro caminho para a vida. Através da encarnação, Deus, o doador da vida, se manifesta inteiramente na pessoa e ação de Jesus. A comunidade que segue a Jesus não caminha para o fracasso, pois a meta é a vida”, diz-nos a nota de rodapé desse texto na Bíblia Edição Pastoral, pág. 1376.

#### d) A videira Verdadeira – ou seja, a árvore da Vida

João 15:1 - Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor.
João 15:5 - Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.

Videira, vide, vida... palavras muito próximas. Fala-se que a videira é a árvore da vida. Não a árvore da vida descrita em Gn 2 que não deixava a vida morrer, mas a planta que produz o chamado “néctar da vida”, o vinho. No antigo testamento era o símbolo que geralmente representava o povo de Israel. Ao afirmar que ele (Jesus) era a videira verdadeira, estava dizendo que a vida verdadeira e eterna vem dele e de nada mais. Jesus é a fonte da vida. Jesus é a verdadeira árvore da vida (cf. Ap 22:14).

A igreja não é uma instituição, mas a comunidade daqueles que têm participação na vida de Jesus. Nossa fé não está numa doutrina, numa filosofia, numa história, numa religião, mas na pessoa de Jesus. Tem vida abundante e eterna não quem está ligado à videira da Antiga Aliança (ao povo de Israel e às observâncias dos ritos do judaísmo), mas quem “está” e “permanece” ligado a ele. Todo ramo ou vide que está ligado a Jesus dá fruto, e esse fruto é o amor, e quem não ama não está de fato ligado a Jesus, pois quem não ama não conhece a Deus (1Jo 4:8).

#### e) Eu sou Jesus, a quem tu persegues

At 9:5 - Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues;
--

Se a Igreja é o corpo de Cristo, se Cristo está onde dois ou três se reúnem em seu nome, se o bem ou o mal (ainda que seja somente a ausência do bem!) feito a um dos pequenininhos é feito diretamente a Jesus, perseguir a Igreja de Jesus, é perseguir o próprio Jesus. “Todas as vezes que fizerdes a um dos meus pequeninos, a mim o fareis” (cf. Mt 25:40)

## **A ASCENSÃO DE JESUS:** **POR QUE ESTAIS OLHANDO PARA AS ALTURAS?**

### **1 – Ler o texto bíblico de Atos 1:1-11**

### **2 – O Pai é que tem domínio exclusivo sobre tempos e épocas**

Lucas narra os últimos momentos de Jesus com seus discípulos, antes da ascensão, a volta aos Céus do Deus encarnado.

Jesus no versículo 5 promete novamente o derramamento do Espírito Santo, mas a esperança dos discípulos (mesmo depois de 3 anos sendo discipulados por Jesus), era a de um reino político (terrestre) estabelecido por Jesus por um descendente de Davi.

Jesus então pede que os discípulos testemunhem o Evangelho até os confins da terra e não se preocupem em conhecer tempos ou épocas, que o Pai Celestial reservou à sua exclusiva responsabilidade, que são de exclusivo domínio e competência.

É como se Jesus estivesse dizendo aos discípulos que Israel será restaurado, não necessariamente como Israel político (país, religião judaica), mas junto e como toda a demais a criação. A salvação de Israel chama-se Jesus, o que veio para salvar, foi rejeitado e que é o caminho, a verdade e a vida, e sem o qual ninguém vem ao Pai (Jo 14:6). Não há outro caminho de salvação para Israel ou para quem quer que seja.

“O Reino de Deus não vai surgir de um momento para outro na história, como por toque de magia ou milagre. Ele será fruto do testemunho dado pelos discípulos no mundo inteiro. E só o Pai sabe o momento em que a história da humanidade estará completamente madura, para então manifestar a plenitude do Reino”, diz-nos a nota de rodapé do texto da Bíblia Edição Pastoral, página 1389.



A tarefa e ministério dos discípulos não são tentar decifrar o futuro, mas testemunhar as Boas Novas de Salvação. Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura... E nisto consiste basicamente a diferença entre profecia e adivinhação: na primeira Deus toma a iniciativa de nos revelar sua mensagem para ser entregue ao mundo para que este seja salvo, na outra há somente a especulação humana, numa tentativa inútil de prever o futuro e até de preparar-se para

não depender e não precisar de Deus e de sua graça. O profeta é o portador da mensagem divina revelada, o adivinho é o especulador de tempos e épocas “reservadas à exclusiva autoridade de Deus”. A adivinhação e outras práticas semelhantes são abominações (pecados que enojam) ao Senhor ( Dt 18:9-14).

Mas é bom destacar que há diferença entre adivinhação e avaliação do futuro. Avaliar a história, o que acontece ao nosso redor, as nossas atitudes, e calcular as consequências não tem nada a ver com adivinhação. A própria Bíblia nos dá alguns exemplos: quem constrói sobre a areia nem precisa de adivinhação para saber que a casa vai ruir em algum momento. Da mesma maneira podemos avaliar (podemos até usar a palavra “prever”, sem que haja qualquer vínculo com adivinhação) que o desmatamento e poluição causarão sérios problemas climáticos, inclusive o super-aquecimento do planeta, o derretimento das calotas polares, o aumento do nível do mar e o alagamento de grandes áreas que hoje estão próximas do nível do mar. Nuvens carregadas no céu nos “dizem” que vão chover. Podemos calcular as consequências das coisas sem cairmos na tentação de sermos adivinhos.

Também há uma brincadeira de crianças e uma prática entre adultos de adivinhar o que o outro tem na mão, quem se está namorando quem, o final de um filme, o presente surpresa que está embrulhado, etc... Isso não é pecado, mas brincadeira e uma prática de inteiração. O pecado da adivinhação está em usar meios escusos e pecaminosos (muitos deles identificados na Bíblia) para usurpar o conhecimento do futuro que é de exclusiva propriedade de Deus.

É preciso aprender a “ler” os sinais das experiências, da história, dos tempos e épocas, mas sobretudo precisamos ter a profecia (a mensagem, a Palavra de Deus), pois será ela que nos salvará. A profecia, diz-nos o apóstolo Paulo, é para edificar, confortar e corrigir (1Co 14:3). Ninguém deve ser ingênuo, deslumbrado ou acrítico: a profecia precisa ser considerada, mas toda profecia precisa ser julgada (1Ts 5:20; 1Co 14:29; 1Co 2:15). Vem realmente de Deus? Está em conformidade com o ensino de Jesus e do Novo Testamento? Nem tudo que reluz é ouro! As aparências enganam e faz parte da natureza humana satisfazer-se apenas com o que vê na aparência! (1Sm 16:7). Mas homens e mulheres de Jesus precisam ouvir e reconhecer a voz de Deus (Jo 10:4). Se contradiz ao ensino de Jesus, é certamente falsa profecia.

Por isso o Espírito Santo nos fará lembrar de tudo que Jesus nos ensinou (Jo 14:26), nos capacitará e nos dará o poder e autoridade necessários para sermos testemunhas de Jesus (Atos 1:8).

### **3 – Por que estais olhando para as alturas?**

Ditas essas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles (dos discípulos). E estando os discípulos olhando fixamente para o céu, enquanto Jesus ascendia (subia) aos céus, foram questionados por dois varões vestidos de branco (muito possivelmente anjos, mensageiros de Deus): “Por que vocês estão olhando para as alturas?”



Embora não esteja explícito no texto, podemos destacar o que essa pergunta traduz:

a) A direção do olhar – os discípulos deveriam olhar agora, ou a partir de agora, não para o céu, mas para o lado, para o “campo missionário”. “Olhai para o campo... a seara é grande e poucos são os ceifeiros, os trabalhadores” (Mt 9:37).

Com certeza precisamos olhar para o Alto, para o Autor e Consumador da nossa fé (Hb 12:2), para o Senhor nosso Deus, pois sem Ele nada podemos fazer (Jo 15:2). Mas devemos também ser capazes de olhar e ver o nosso próximo, tal como fez o bom samaritano (Lc 10). Embora a contemplação (a relação vertical com Deus através da oração, adoração, piedade), devemos construir com urgência a nossa horizontalidade: olhar para os lados e ver, acolher, cuidar e amar de nosso próximo. Em nome, no amor e no poder de Deus. Ser servos uns dos outros pelo amor (Gl 5:13).

b) A urgência da Missão – os discípulos não deveriam “perder tempo”, deveriam colocar-se em serviço e à serviço da Missão imediatamente. Não há um milésimo de segundo sequer que deve ser perdido.

Isso deve ser compreendido literalmente, mas também, por analogia, pode ser aplicado a outras coisas que não são importantes e que nos fazem perder tempo na tarefa missionária.



Paulo escrevendo a Timóteo, diz: “Quando eu estava de viagem, rumo da Macedônia, te roguei permanecesses ainda em Éfeso para admoestares a certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina (além do ensino dado por Jesus!), nem se ocupem com fábulas e genealogias sem fim, que, antes, promovem discussões do que o serviço de Deus na fé. Ora, o intuito da presente admoestação visa ao amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia. Desviando-se algumas pessoas

destas coisas, perderam-se em loquacidade frívola, pretendendo passar por mestres da lei, não compreendendo, todavia, nem o que dizem, nem os assuntos sobre os quais fazem ousadas asseverações” (1Tm 1:3-7)

“A vida cristã não é mera teoria baseada em especulações e sistemas teológicos, que muitas vezes parecem não ter outra coisa em mira além de deleitar o pensamento. A vida cristã se inspira no caminho e na prática de Jesus, que se resumem na vivência do amor, isto é, na capacidade de se relacionar, respondendo a situações concretas da vida”, afirma-nos a nota de rodapé da Bíblia Edição Pastoral referente ao texto acima.

#### **4 - Conclusão:**

Não precisamos ficar olhando para cima ou para trás, pois o Senhor Jesus está conosco. Aleluia! Onde houver dois ou três (pequenas ou grandes comunidades de fé) reunidos em seu nome, ali ele está presente. Portanto, como diria João Wesley, o fundador do movimento metodista, não temos nada mais prioritário a fazer que salvar almas (vidas, pessoas).

Mãos à obra. Coração e prioridade na Obra de Deus: a Missão de Deus é salvar o mundo. A Igreja participa e contribui com a missão de Deus através da evangelização, a comunicação a tempo e fora de tempo, por testemunho dado com ou sem palavras, do amor do Salvador Jesus.

## **A ORAÇÃO SACERDOTAL DE JESUS: PARA QUE SEJAMOS UM!**

### **1 – Leia João 17:1-26**

### **2 – A oração de Jesus**



Como podemos ver ao longo dos evangelhos, Jesus é um homem de oração. E João 17 é a oração feita por Jesus na última noite antes de ser preso, interrogado, torturado e assassinado na cruz do Calvário. Nesta oração Jesus ora por si mesmo (versículos 1 a 5), pelos discípulos e discipulas (versículos 6 a 19) e por aqueles que hão de crer no Evangelho depois (versículos 20-26).

A grande preocupação de Jesus é que sua missão de salvar o perdido seja eficaz, que seus discípulos não se sintam sós e desorientados e que eles possam continuar a sua missão. Jesus sabia que era ele quem dava unidade ao grupo, por isso ora especialmente pela unidade dos discípulos, da igreja.

Que sejam um! Que sejam um como o próprio Jesus e o Deus Pai são um! Que sejam um em Deus! Que Deus seja o elo que une os discípulos e não qualquer outra coisa, pois qualquer outra coisa ou pessoa

que não seja o Espírito Santo, será uma unidade passageira, falsa e até mesmo podendo ser uma unidade pecaminosa (há pessoas que se unem em torno do pecado e do mal!). Jesus sabia que o reino, a igreja, o ministério e a vida cristã cujos fundamentos são edificados fora da Rocha Eterna não subsistem! (Mt 7:24-27). Jesus sabia que o reino, a igreja e o ministério divididos não subsistem! (Mc 3:24-25).

### **3 – O testemunho cristão implica em diálogo respeitoso com os cristãos diferentes de nós e no anúncio a tempo e fora de tempo, inclusive aos crentes de nossa própria comunidade de fé.**

Jesus não orou pela institucionalização da Igreja. Jesus não orou pela hierarquização da Igreja. Jesus não orou pela uniformização da Igreja. Jesus orou pela unidade da Igreja. Não para que as pessoas e comunidades fossem igualmente uniformes, mas para que os diferentes (mão, olho, pé, cf. 1Co 12:12-26; Rm 12:4-5)

fossem unidos em Cristo e por Cristo unidos entre si. Que a maneira de se organizar e os ritos praticados sejam diferentes, mas que o conteúdo fundamental do Evangelho esteja em todos e em tudo.

Deus criou os diferentes, e o pecado criou os desiguais, tornou desiguais aqueles que eram diferentes. O fato de haver diversos segmentos diferentes no mundo não cristão não é o problema, mas a arrogância de uns em se acharem mais "santos", mais "verdadeiros", mais "bíblicos" do que outros. A diferença apenas reflete a riqueza da multiforme graça de Deus. As plantas são diferentes umas das outras, as estrelas também. As tribos de Israel eram diferentes umas das outras, bem como os discípulos e apóstolos e até as igrejas do Novo Testamento, mas todos são do Senhor. Até os dons espirituais são diferentes de uma pessoa para outra e de uma igreja para outra, mas todos provém do mesmo Santo Espírito. O problema não são as diferenças, mas a falta de sabedoria, respeito, ética e visão para lidar com as diferenças e a falta de amor e humildade para lidar com quem é diferente. O problema é quando queremos impor nosso modelo, nossa experiência, nossa doutrina, nossa visão como sendo a "única" ou a mais certa, tentando uniformizar algo que o Espírito Santo de Deus levantou e sustenta com a riqueza da diversidade, ou tentando desacreditar e eliminar quem é diferente de nós.



incluídos e amados como irmãos e irmãs de fé.

A unidade desejada por Cristo não é apenas entre os que pensam iguais e que têm valores e doutrinas semelhantes. Não é apenas entre os membros de uma comunidade local ou entre apenas os crentes e comunidades da mesma denominação ou instituição. Mas entre todos os que professam o nome de Jesus, entre todos os que aceitaram o Evangelho como um estilo e valor de vida. Nosso desafio, portanto, é buscar e construir unidade, inclusive, com os diferentes, com os que num primeiro momento julgamos difíceis de serem

Nós não temos o monopólio ou a exclusividade da santidade, da retidão e da pregação do Evangelho, como muito bem adverte o apóstolo Paulo em Filipenses 1:15-18.

“Alguns, efetivamente, proclamam a Cristo por inveja e porfia; outros, porém o fazem de boa vontade; estes, por amor, sabendo que estou incumbido da defesa do evangelho; aqueles, contudo, pregam a Cristo, por discórdia, insinceramente, julgando suscitar tribulação às minhas cadeias. Todavia, que importa? Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade, também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei.”

O Senhor e Salvador Jesus tem algo a dizer quanto a isso (Mc 9:38-41):

*“Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que, em teu nome, expelia demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não seguia conosco. Mas Jesus respondeu: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e, logo a seguir, possa falar mal de mim. Pois quem não é contra nós é por nós. Porquanto, aquele que vos der de beber um copo de água, em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão.”*

Precisamos lembrar que Jesus não nos constituiu juizes contra ninguém, muito menos contra aqueles que são diferentes de nós e cuja “doutrina” não é aprovada por nossa doutrina. Pertence a Jesus e é de Jesus não quem nós aprovamos, mas quem o

Senhor chama, redime e aprova. “Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha”, disse Jesus em Mt 12:30. Cabe ao Senhor unicamente aprovar ou desaprovar e dizer “Vinde, bendito do meu Pai!” ou “apartai-vos de mim!”. À igreja cabe anunciar o Evangelho e amar e cuidar das pessoas em nome de Jesus. A rejeição de Jesus, não será pela diferença doutrinária ou ritual, mas tão somente pela falta de amor: “Estive com fome, sede, rio, forasteiro, etc, e vocês não fizeram nada! (Mt 25:31-46. Podem até ser religiosos, mas se não amaram o próximo não fizeram a vontade de Deus (Mt 7:21); não conhecem a Deus (1Jo 4:8; 3Jo 1:11). Quem ama cumpre toda a lei de Deus (Gl 5:14; Rm 13:8-10)

Isso não quer dizer que a gente não possa testemunhar, dialogar, partilhar e anunciar o Evangelho na perspectiva que nós temos. Pelo contrário, devemos fazer isso, a tempo e fora de tempo. Mas devemos fazer não com a arrogância de quem é “o mais melhor”, “o mais santo” ou “o mais fiel”. Devemos fazer isso com amor por quem nos ouve e com o temor de um Deus misericordioso que sabe que nós, suas testemunhas, somos “pó” (Sl 103:14). Jesus escolheu a nós, a igreja, com todas as suas limitações e fraquezas para envergonhar os sábios e os fortes do mundo (cf. 1Co 1:26-29). Junto ao mundo incrédulo, junto aos demais cristãos, e até mesmo dentro de nossa própria igreja local devemos, a tempo e fora de tempo, pregar o evangelho continuamente. Mas não com arrogância e violência, mas como servos humildes portadores de uma palavra de amor e salvação. Não por força nem por violência, mas pelo Espírito do Senhor nós respeitamos e dialogamos com os demais cristãos, de todas as denominações e matizes, sem jamais deixar de anunciar o Evangelho, aquilo que vimos e experimentamos em nossas vidas.

#### **4 - A Unidade Cristã é desejo de Deus?**

(O texto abaixo é a transcrição das páginas 22 a 29 da Carta Pastoral ‘**Para que todos sejam um - a perspectiva metodista para a Unidade Cristã**’ publicada pelo Colégio Episcopal da Igreja Metodista e disponível no site da Igreja Metodista de Vila Isabel no link [http://www.metodistavilaisabel.org.br/docs/Que\\_todos\\_sejam\\_um.pdf](http://www.metodistavilaisabel.org.br/docs/Que_todos_sejam_um.pdf))

Para nós, metodistas, a base para se compreender o sentido do ideal de unidade são as Santas Escrituras, orientadoras da prática de fé de quem se chama cristão(ã). Nelas há uma referência que podemos interpretar como fundante: encontra-se na oração sacerdotal de Jesus. O evangelista João registrou que Jesus levantou os olhos para o céu e orou:



*"Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim, e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós os somos; eu neles e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim. Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os*

*que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo"* (Jo 17. 20-24).

Esta é uma das passagens mais belas e profundas do Novo Testamento e é conhecida como a oração sacerdotal ou oração pela unidade. Jesus não está se dirigindo aos discípulos, nem às pessoas que procuraram segui-lo, nem àquelas que se sentiam

ameaçadas pelo seu ministério. Jesus está se dirigindo ao Pai, àquele que o tinha enviado. Jesus ora por sua comunidade como um todo, não somente pelos discípulos que estavam com ele, mas também por quem viesse a crer por intermédio deles. Portanto, Jesus estava também orando por nós que temos o privilégio e a responsabilidade de continuar a sua obra.

A oração de Jesus nos mostra que a unidade de sua Igreja não é fruto da vontade humana nem o cumprimento de meros desejos humanos. É o cumprimento do desejo de Jesus Cristo e condição essencial para que o mundo creia, ou seja, para o testemunho cristão no mundo. Isso quer dizer que a comunidade cristã, para ser fiel à sua vocação, deve expressar, por intermédio de suas relações fraternas e de amor, a mesma união profunda que existe na Trindade, ou seja, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

A unidade da comunidade cristã é uma antecipação da promessa de realização do Reino de Deus que está presente entre nós, mas que somente experimentaremos de maneira plena na consumação dos tempos. É também um sinal da possibilidade de reconciliação entre os seres humanos e destes com Deus.

Há uma Ecclesia (igreja) não delimitada pelas tantas denominações existentes, que, na linguagem dos Pais da Igreja, é descrita como igreja una, santa, católica (universal) e apostólica (Efésios 2.14-22). A participação na caminhada pela unidade segue um rumo diferente do divisionismo que tem permitido tantas igrejas que se inauguram e vivem como que sem compromisso com séculos de herança cristã, assim saltando das páginas bíblicas para o seu espaço hoje. Esse brotar dividido não oferece, perante o mundo, testemunho em favor da fé que deseja proclamar "um só Senhor, um só Pai, uma só fé, um só batismo" (Efésios 4).

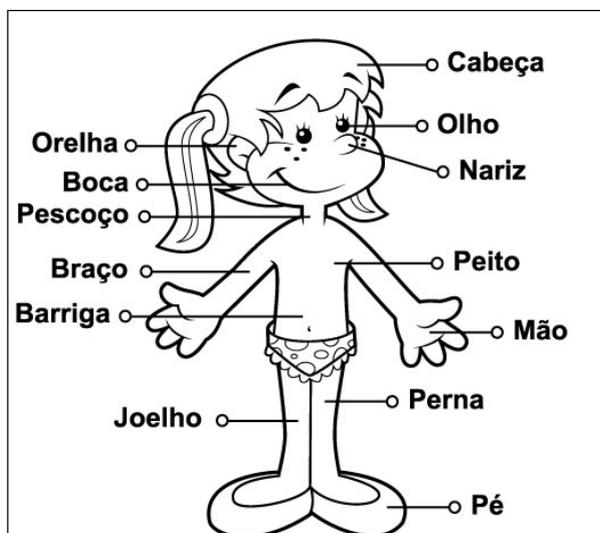
A busca da unidade não é a busca da união das igrejas em uma única forma institucional. Ela é, acima de tudo, a afirmação e reconhecimento da diversidade de dons e ministérios concedidos por Deus ao seu povo. Portanto, pode-se dizer que a prática da unidade cristã é a busca e vivência da unidade na diversidade. Isto porque nenhuma igreja ou denominação pode reivindicar para si a representação plena e exclusiva do Corpo de Cristo. O máximo que elas podem reivindicar é que são parte, membros, do Corpo de Cristo e que, sob a inspiração e orientação do Espírito, estão em plena comunhão com Deus.



A imagem de "Corpo de Cristo" é, com certeza, a mais linda e mais conhecida imagem da Igreja que Paulo nos ensina. E ela tem vários elementos que são essenciais para nossas vidas, obras e relações tanto pessoais como institucionais. O que nos

caracteriza como Corpo de Cristo é o fato de termos sido batizados em Cristo pelo Espírito Santo. Paulo diz: "Porque assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só espírito" (1 Coríntios 12.12-13).

O batismo em Cristo é uma realidade inclusiva. Somos "judeus e gregos, escravos e livres". Na Carta aos Gálatas, Paulo acrescenta "homem e mulher" (Gálatas 3. 27-28) e aos Colossenses, insere "(o) bárbaro e (o) cita" (Colossenses 3.11). É importante recordar que os gregos consideravam bárbaros todos os que não eram gregos; os citas eram considerados um povo não civilizado, e os judeus, povo exclusivo de Deus. Todas as divisões humanas, sejam elas políticas, econômicas, sociais e culturais, são superadas no Corpo de Cristo. Qualquer um que aceita o chamado e encontra sua identidade em Cristo deve ser capaz de expressá-la em qualquer raça, gênero, classe ou identidade nacional como uma contribuição para o enriquecimento de todos.



Paulo indica que nosso corpo é formado por diferentes membros, cada um com sua identidade e função específica e que essa diversidade precisa ser respeitada. Não há hierarquia de importância entre as diferentes partes do corpo. Todos têm seus papéis indispensáveis para o funcionamento pleno do corpo. Cada parte necessita da outra e é necessitada pelas outras. Podemos dizer que é uma hierarquia circular na qual o centro é Cristo. O papel dos apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres é o de servir para o aperfeiçoamento da comunidade para o desempenho de seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo (Efésios 4.11-

16). Este é um processo que nos permite crescer na plenitude de Cristo, tanto individualmente quanto institucionalmente.

Na carta aos Efésios (2.11-22), Paulo escreve sobre a trágica divisão da família humana simbolizada pela inimizade entre judeus e gentios. Paulo nos diz que, com sua morte, Cristo derrubou a barreira da separação e criou uma nova humanidade, reconciliando ambos em um só corpo. "*Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito*" (Efésios 2.19-22). No original grego, Paulo usa uma palavra derivada de oikos (casa) ao referir-se à família e habitação de Deus. É a mesma raiz de oikoumene (ecumene), a terra habitada. É uma imagem poderosa da Igreja como uma comunidade de pessoas que compartilham a vida. Isso significa que nossa missão é propiciar as condições para que a casa do mundo, em toda a sua diversidade, se torne um verdadeiro lar onde todos possam coabitar em amor e justiça.

O apóstolo Pedro também usa a imagem de Casa (oikos) quando fala da Casa de Pedras Vivas para se referir à Igreja, em sua primeira carta aos cristãos da Ásia Menor: "Achei-vos a ele, pedra viva (Cristo), que os homens rejeitaram, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus. E, como pedras vivas, também vós vos tornastes casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais aceitos por Deus

através de Jesus Cristo" (1 Pedro 2.4-5). Esta imagem da Igreja como casa de pedras vivas se torna mais poderosa quando recordamos que os cristãos da Ásia Menor viviam na diáspora e estavam dispersos por vários lugares, sem organização, e expostos a toda sorte de perseguição. Pedro nos convida a pensar que nós também, na atualidade, vivemos em diáspora, pois estamos num mundo dominado por forças hostis aos valores do Reino de Deus do qual somos cidadãos. Cada crente é uma pedra viva que está ligada e relacionada, em sua individualidade, com a estrutura completa da casa do Espírito. Em palavras atuais, podemos dizer que, apesar de parecer algumas vezes que estamos sós, na verdade estamos ligados uns aos outros, umas às outras, no Espírito, por laços de solidariedade.

Todas estas imagens nos ajudam a compreender que a Igreja de Cristo não é algo estático, monolítico, nem uniforme. Ela é multiforme e todas as suas formas manifestam a Graça de Deus e seu amor infinito revelado em Jesus Cristo. Independentemente desta diversidade de imagens, porém, há algumas características comuns e essenciais entre elas.

1) Cristo é o Senhor da Igreja e a Igreja existe por obra do Espírito Santo para servir a Deus na missão. Ela não é obra humana e, portanto, não pode ser identificada plenamente nas instituições que criamos;

2) A Igreja é um sinal da presença do Reino de Deus para mostrar ao mundo que, em Cristo, todas as diferenças humanas são superadas e a diversidade é valorizada e reconhecida como dom de Deus. Nesse sentido, a Igreja aponta para o mundo a possibilidade de reconciliação da família humana.



A unidade cristã faz parte da essência da Igreja e é uma condição para a credibilidade do testemunho, da missão e do serviço. Ela é um dom de Deus. Portanto, não somos nós que a construímos, mas somos chamados a preservá-la com amor, humildade e mansidão como reconhecimento de que há um só corpo e um só Espírito, um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos. O reconhecimento da diversidade e a preservação da unidade são essenciais para a edificação do corpo de Cristo e sinal da nossa maturidade espiritual (Gálatas 4.1-16).

## **5 – Conclusão:**

Que cheios do Espírito Santo e do amor de Deus possamos ser homens e mulheres, adultos, jovens e crianças dedicados ao ministério da reconciliação e da pacificação, conforme orienta-nos os textos bíblicos de 2 Coríntios 5:18 a 6:3 e Mt 5:9.

## PENTECOSTES

### O AMOR E O PODER DE DEUS DERRAMADOS SOBRE A IGREJA

#### 1 - Textos Bíblicos:

##### **João 16.13-15**

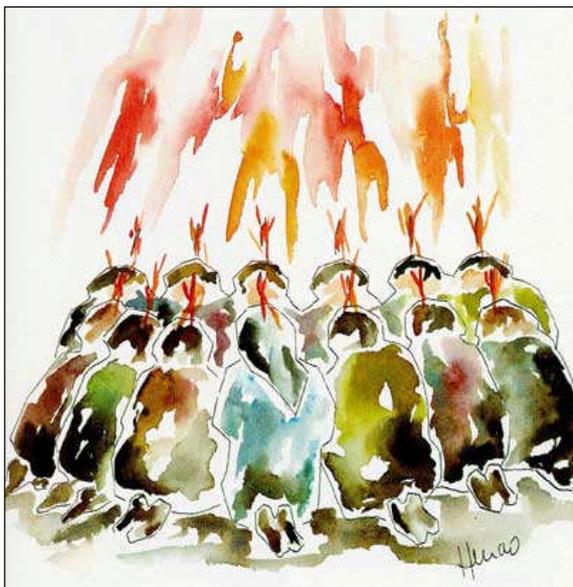
“Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber o que é meu e vo-lo há de anunciar”.

##### **Atos 1.8**

“E recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo”.

##### **Romanos 5.1-5**

“Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus. E não somente por isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado”.



#### 2 - A Festa do Pentecostes

Havia três festas muito importantes para o povo de Israel – a Páscoa, o Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos. Todos os judeus adultos que estivessem num raio de 30 quilômetros de Jerusalém eram obrigados legalmente a assisti-las. A Festa do Pentecostes ou “a quinquagésima” também era conhecida como “festa das semanas”, justamente porque ocorria cinquenta dias, “uma semana de semanas”, depois da Páscoa. A festa tinha dois significados principais. Primeiramente, tinha um sentido histórico pois recordava a entrega da Lei a Moisés no Monte Sinai. Em segundo lugar, tinha o significado agrícola de comemorar o final da colheita.

O domingo de Pentecostes, como é comemorado na igreja cristã, todavia, não tem nada a ver com a história dos judeus. Nós o comemoramos porque foi justamente no dia de Pentecostes que as promessas de Jesus foram cumpridas e os discípulos tiveram a

experiência de que o poder do Espírito Santo inundava a suas vidas como nunca havia ocorrido antes.

Infelizmente, por algumas deformações de nossa fé e pela presença de certas práticas que são erradamente atribuídas ao Pentecostes, o certo é que a data não tem sido comemorada na proporção de sua importância. Ela marcou claramente o início da Igreja e o cumprimento das promessas feitas por Jesus aos seus discípulos no capítulo 16 de João e, depois de sua ressurreição, imediatamente antes de sua ascensão ao céu.

### **3 - O Espírito Santo**



É uma das pessoas da santíssima Trindade. O Espírito que procede do Pai e do Filho é um Espírito, santo na sua essência e santificante em sua Ação. O Espírito Santo prometido por Jesus, cujo poder é derramado no Pentecostes, não é outro senão o mesmo Espírito que atua no Antigo Testamento. Ele age na criação (Gn 1.2), “a terra estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas”, na conservação da vida humana (Jo 33.4), “O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida”, além de repousar mais particularmente sobre os que são chamados a chefiar o povo de Deus, como José (Gn 41.38) por exemplo.

Mesmo antes do Pentecostes a ação do Espírito Santo é fortemente visível no Novo Testamento. Primeiramente na concepção de Jesus (Mt 1.35) e, depois, no batismo de Jesus (Jo 1.32-34).

O texto de João 16.13-15, transcrito acima, é a demonstração cabal de sua intimidade com Deus. Daí, porque o Espírito Santo, como Jesus afirma, provém do Pai e dele próprio, o Filho. Já no versículo 26 do capítulo 15, Jesus promete a vinda do Consolador. No capítulo 16, Jesus condiciona a vinda dele a sua própria ida. Mack B. Stokes, no livro “O Espírito Santo na herança wesleyana”, nos diz que a “vinda do Espírito Santo com sua força total precisava esperar que a missão terrena de Jesus se completasse”. Com relação à palavra Consolador, que seria uma tradução da palavra grega *parakléto*s, a Bíblia na NTLH menciona “auxiliador”. O dicionário Aurélio, por sua vez, indica defensor, protetor, mentor. Todas elas são mais expressivas do que consolador pois a missão dele não foi apenas de impedir que os discípulos mergulhassem na tristeza, mas de assisti-los positivamente e de robustecê-los na sua missão de testemunhas de Cristo e da boa nova.

### **4 - A Missão do Espírito Santo**

É continuar a obra de Jesus. O Espírito Santo, segundo Mack Stokes deveria convencer o mundo do pecado, proclamar a justiça e conscientizar as pessoas do julgamento de Deus. Assim como Jesus fez estas coisas durante seu ministério terreno, o Espírito Santo continuaria a fazê-las.

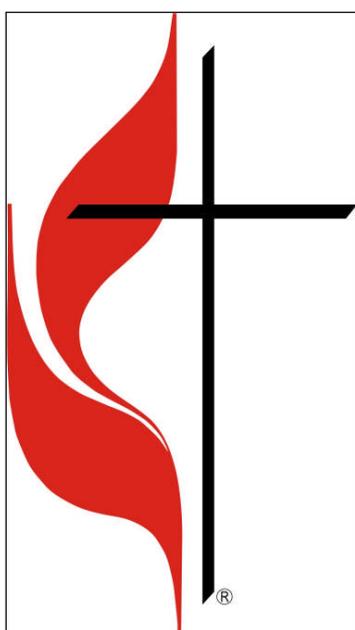
Ainda segundo Mack Stokes no seu citado livro, ao expressar a posição metodista sobre o Espírito Santo, o texto bíblico de Jo 16.7-15 afirma claramente que a missão única do Espírito Santo é glorificar a Jesus Cristo. “Ele me glorificará porque há de

receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar”; “Ele vos guiará a toda a verdade”. O Espírito Santo guiará as pessoas a toda a verdade de que precisam para a sua salvação em Jesus Cristo. O Espírito Santo – sempre é bom repetir – glorificará a Jesus Cristo.

Com a mesma ênfase, o bispo Mack Stokes diz claramente que o Espírito Santo não proclama a si próprio. O Espírito leva a mensagem de Jesus. “Ele há de receber o que é meu”, disse Jesus, “e vo-lo há de anunciar”. A única grande preocupação do Espírito Santo é com o novo tempo do reino de Deus em Jesus Cristo e através dele.

Finalmente, Mack Stokes diz que “o Espírito Santo glorifica a Jesus Cristo em seu ministério de ensino: comunicar quem Jesus é; qual é a sua mensagem; e o sentido que sua vida, morte e ressurreição têm na inauguração dos novos tempos de Deus. As diretrizes aqui são claras. O próprio Jesus tornou eternamente impossível separar a missão do Espírito Santo de sua grande obra como Senhor e Salvador”.

## **5 - As mudanças que o Pentecostes causou**



Quando lemos a narrativa do Pentecostes, no capítulo 2 de Atos, muita gente se impressiona mais com os acontecimentos incomuns, como o som impetuoso do vento, as línguas de fogo (labaredas) que pousaram sobre os discípulos e com aquela espécie de tradução simultânea, Pedro falando em Aramaico e o povo reunido, vindo dos mais diversos lugares, entendendo perfeitamente como se Pedro falasse em seus próprios idiomas. A narrativa imprecisa de Lucas, ao dizer que os discípulos falavam em outras línguas, fenômeno que realmente não deve ter ocorrido, acabou trazendo grande confusão a todos. E, como veremos mais à frente, trazendo discussões sobre o chamado batismo do Espírito Santo, cuja mais importante certificação de sua existência era falar “línguas estranhas”, ou seja, a glossolalia da igreja de Corinto, contestada por Paulo e que ficou ausente da vida da Igreja no período que vai mais ou menos do ano 100 até o início do pentecostalismo no princípio do século XX.

Mack Stokes sabiamente pergunta em seu livro se aqueles eventos foram tudo o que aconteceu. Será, ainda pergunta ele, que eles representam as dimensões mais profundas da experiência daqueles primeiros cristãos no Pentecostes? E ele dá a resposta: “A resposta tem que ser não a ambas as perguntas.

É preciso ir um pouco além no livro de Atos para perceber bem, a partir do sermão de Pedro, no qual começamos a perceber com mais profundidade o verdadeiro sentido do pentecostes. É só comparar algumas atitudes de Pedro, especialmente quando, com Jesus preso, o negou três vezes. Após o derramamento do Espírito, o Pedro que prega é inteiramente outro e assim ele persistiu até o fim. Naquele sermão, ao fim do qual foram batizadas mais de 3.000 pessoas, ele não prometeu coisas sobrenaturais, como vento impetuoso, línguas de fogo ou falar em línguas. O que ele fez, ao repetir a história de Jesus, foi prometer que, pelo arrependimento, batismo e fé no nome de Jesus, eles receberiam o dom do Espírito Santo e seus frutos. , que são descritos por Paulo em Gálatas 5.22-23.

## **6 - O Pentecostes Hoje**

Assim como a crucificação de Jesus, sua gloriosa ressurreição na Páscoa, o Pentecostes e o batismo com o Espírito Santo são experiências únicas. Suas

conseqüências, no entanto, permanecem em toda a vida da Igreja em todos os tempos. Em Atos 1.5, Jesus promete a seus discípulos que eles seriam batizados com o Espírito Santo. Essa é uma experiência irrepetível, se bem que proporcione aos cristãos que vêm depois as mesmas bênçãos e os mesmos frutos. Paulo em 1 Co 12.13 nos diz: “Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer grego, quer escravos, quer livres. E a todos nos foi dado beber em um só Espírito.”

Um conselho importante é dado por Paulo em Gálatas 5.25: “Se vivemos no Espírito, andemos segundo o Espírito.”

Voltando ao princípio, Jesus, em At 1.8, ao anunciar que receberíamos o poder do Espírito Santo, foi muito claro em fixar a nossa tarefa principal, a de sermos testemunhas. A preciosa doutrina do Espírito Santo e as experiências vividas pelos discípulos de Jesus no Pentecostes, que são nossas também por ação do Espírito, não devem ser motivo de discussões mas de uma preocupação maior com seu estudo e aplicação prática nas nossas vidas.

Finalizando, é importante notar que o Espírito Santo não opera de modo igual nas pessoas. João Wesley esteve sempre atento a isto. Em carta a Mary Cooker, ele sabiamente expõe que há “uma variabilidade irreconciliável nas operações do Espírito Santo na alma dos homens, especialmente quanto ao modo da justificação. Muitos o encontram derramando-se sobre eles como uma torrente enquanto experimentam o poder dominador da graça salvadora. Esta tem sido a experiência de muitos. Mas ele opera em outros de maneira muito diferente. Ele exerce a sua influência de maneira delicada, refrescante como o orvalho silencioso. Foi do seu agrado operar em vós deste modo desde o começo, e é provável que continue, como começou, a operar de modo delicado e quase insensível. Que Ele faça como quiser; Ele é mais do que vós; Ele fará todas as coisas bem. Não argumenteis contra Ele, mas que a oração do vosso coração seja: molda a tua argila como queres”.

Ou seja, o testemunho do Espírito é mudança de vida. Em seu sermão “O Testemunho do Espírito-1”, Wesley adverte: “limpe-se a si mesmo de toda a impureza da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus”, e que todos os seus pensamentos, palavras e atos sejam um sacrifício espiritual, santo e aceitável a Deus por Cristo Jesus!” .

Como esse assunto desperta muitas dúvidas e perplexidades, sendo motivo de discussão mesmo na Igreja Metodista, devido às influências das doutrinas pentecostais e neopentecostais em nosso meio, recomenda-se a leitura dos dois livros citados, “Vivendo a Graça de Deus – um compêndio de teologia metodista, de Walter Klaiber e Manfred Marquadt, disponível na livraria da Faculdade de Teologia, e “O Espírito Santo na herança wesleyana”, disponível no site de nossa igreja. Também seria interessante consultar o capítulo 4 do livro “Coletânea da Teologia de João Wesley” que trata sobre o Espírito Santo, subdividido em: 1.A obra redentora do Espírito Santo, 2. Testemunho do Espírito (certeza) e 3. Frutos do Espírito.

**Lição nº 9**

**Escola Dominical – lição do dia 13 de junho de 2010**  
**Lição Especial Pelo Mês Da Família**  
**Texto do Pastor Ronan Boechat de Amorim**

**POR UMA FAMÍLIA SEGUNDO O CORAÇÃO DO DEUS**



**1 - Gn 2:18 e Gn 2:23 – A vida a dois e a família como propósito intencional de Deus para superação da solidão e cuidado da vida**

Gn 2:18 e Gn 2:23 – A vida a dois e a família como propósito intencional de Deus para superação da solidão e cuidado da vida ("não é bom que o homem, a pessoa humana, esteja só...")

É importante notarmos que Deus criou todos os animais que existem e lhes abençoou dizendo: "sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas... e a terra" (Gn 1:22). Mas na criação do ser humano algo diferente aconteceu: Deus usou não apenas as palavras, mas também as suas mãos para formar ao homem do pó da terra e sua boca para lhe soprar nas narinas o fôlego da vida (Gn 2:7). Deus criou o homem e aparentemente se esqueceu de criar a sua companheira. Após o homem ter dado nome a todos os animais, o texto bíblico pedagogicamente ressalta: "para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea" (Gn 2:20). Ou seja, uma companheira com quem o homem pudesse conversar e relacionar-se de igual para igual.

O texto bíblico revela uma inovação de Deus na criação da mulher: Ele faz cair pesado sono sobre o homem, e enquanto o homem está adormecido, Deus forma a mulher de uma de suas costelas.

Posteriormente ao ser apresentado à mulher, o homem afirma: "osso dos meus ossos e carne da minha carne", será mulher porque do homem foi tomada/formada". O que significava reconhecer que a mulher (osso dos seus ossos e carne da sua carne) era

extensão e continuidade do seu próprio corpo. O homem naquele momento estaria reconhecendo que ambos são (ou formam) um único corpo. Por isso suas palavras podem ser adaptadas às seguintes afirmações: “suas dores serão minhas dores, suas alegrias serão minhas alegrias, seus sonhos serão os meus sonhos, porque seu corpo é extensão do meu corpo e você faz parte de mim”. Um pertence ao outro, não no sentido de serem propriedades e proprietários um do outro, mas de fazerem parte um do outro”.

A razão pela qual Deus faz a mulher está no versículo 2:18: “não é bom que o homem esteja só”. Deus cria a mulher para ser a companheira do homem. Não para ser subserviente, capacho, objeto, mas a companheira que conversasse com o homem e se relacionasse com ele de igual para igual, solucionando a questão da solidão. “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2:24).

Fazendo uma brincadeira cronológica com o texto bíblico, diríamos que Deus cria o homem e a mulher quando “não havia ainda nenhuma planta na terra” (Gn 2:5). Deus então planta (cria) o jardim onde coloca o homem (Gn 8:8). Deus percebe a solidão do homem e planeja criar a mulher, mas não a cria (Gn 2:18). Deus cria todos os animais e os trazem para que o homem os nomeasse (Gn 2:19), criando assim a cultura humana (o dar nome às coisas!). Deus então é que cria a mulher e a apresenta ao homem (Gn 2:22).

Não, Deus não se esqueceu de criar a fêmea (a mulher) para o homem. Mas fez as coisas de modo que a história da criação pudesse ser uma memória permanente e um instrumento pedagógico para o relacionamento de marido e mulher. “Criou pois o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”.

A criação da mulher é a única atitude criadora de Deus revelada antecipadamente no texto bíblico. Não para o Adão e nem para os animais, ou para as demais pessoas da trindade, mas para quem fosse ouvir e ler e contar a história da criação. O texto da criação da mulher revela a intencionalidade de Deus em criar a mulher.

A solidão do homem e a percepção que Deus tem dela não foram um acidente, mas uma revelação que Deus igualmente faz a quem ouve, lê e conta a história da criação.

A mulher não foi criada originalmente para lavar roupa, pregar botão, cozinhar, reproduzir a espécie, criar e educar os filhos nem pra cuidar da casa. A intencionalidade de Deus ao criar a mulher é a superação da solidão. “Não é bom que o homem esteja sozinho”, disse o Deus que faz com que o “solitário habite em família” (Sl 68:6). As tarefas domésticas nasceram da necessidade de cuidar da família e da casa, e foram impostas às mulheres pela cultura humana patriarcal (não pelo desígnio de Deus) que fez a divisão das tarefas domésticas onde o homem saía para caçar junto com os outros homens e as mulheres ficavam em casa cuidando dos filhos(as) e por extensão do ambiente doméstico.

Outra coisa importante é que o mistério de “tornar-se uma só carne” era algo muito maior que o simples ato sexual. Embora o ato sexual fizesse parte, não era tudo. Pois se o projeto de Deus era a superação da solidão, o ato sexual não tem esse poder de “superar solidão”. O companheirismo sim. E com isso não estou desqualificando o ato sexual, que é um desejo de Deus para a vida de homens e mulheres, pois o Senhor ao criar o homem e a mulher os criou sexuados, com desejos sexuais. O sexo não foi a causa da “queda” do homem e da mulher, pois eles tinham acesso livre à sua sexualidade, a ponto de Deus os abençoar dizendo: “Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra” (Gn 1:27). E isso aconteceu antes do pecado original, antes da queda. O pecado é que tornou possível que o sexo fosse feito ou experimentado de forma

inadequada ou pecaminosa, como por exemplo, no adultério, na prostituição, na pedofilia, no estupro, em orgias sexuais, nos cultos pagãos de fertilidade, etc.

Deus nos fez sexuados e nos pediu para termos vida santificada.

Mas, e a família? A família tradicionalmente tem início com o casal. Do casamento surgem os filhos, que crescem e aparecem genros e noras, os netos, os filhos adotados, os parentes agregados, etc...

Assim como o casamento é uma proposta e um instrumento de Deus para a superação da solidão, a família ainda mais.

## **2 - Família, Pais E Filhos**



Numa realidade de divórcio, relações superficiais e pai e mãe trabalhando fora de casa, a criança, desde cedo, por mais amada e bem cuidada que seja, sofrerá os efeitos das frágeis ligações familiares e da falta de proximidade e de afetividade familiar.

Hoje se diz que as pessoas que menos educam os filhos são os pais, a família. Nossos filhos sabem muito de ciência, de geografia, de informática, de dinossauros, de sexo... mas sabem tão pouco ou quase nada da Bíblia. Conhecem inúmeras histórias infantis (Branca de Neve, Gata Borralheira, Peter Pan) e conhecem tão pouco a vida de Jesus e as histórias bíblicas. Os heróis das crianças não são os avós ou os pais, mas atores, super-heróis e personagens de desenho animado que, de algum modo, marcarão a criança com ações, valores e ideais nem sempre aprovados pelos pais e mães.

Se no passado impunha-se aos filhos um comportamento restritivo, hoje há um claro “deslimite”: os limites não são claros. Há pouco tempo, jovens em Brasília atearam fogo e mataram o índio Pataxó Galdino Jesus dos Santos, segundo eles, como uma brincadeira. Os adultos, os jovens e também as crianças são constantemente pressionados a se ajustarem ao grupo e ao mundo em que vivem, que é um mundo sem limites.

Educar a criança, sobretudo do ponto de vista da educação cristã, não é simplesmente educar a criança para ela se adaptar ao mundo ao seu redor. Sinceramente não quero que meus filhos nem nenhuma de nossas crianças se adequem e adaptem a esse mundo injusto, pecaminoso, violento, idólatra e, naturalmente, distante de Deus. Quero que meus filhos e as crianças sejam educadas para serem capazes de, nas palavras do saudoso educador Paulo Freire, “ver, julgar e agir”. Para que sejam pessoas com discernimento para “mudar o que precisa ser mudado, conservar o que precisa ser conservado e ter discernimento para decidir entre uma e outra coisa.”

Quero meus filhos e nossas crianças iluminadas pelo Evangelho, pelos valores do Reino de Deus, pelo Espírito Santo que nos guia e capacita, pelos conceitos de cidadania e justiça, e assim, serem pessoas pensantes (com discernimento), atuantes no mundo e instrumentos de transformação do mundo. Transformando o mundo para melhor.

## **3 - O Desafio Dos Pais, Famílias E Igreja**

A família tem uma enorme responsabilidade no sentido de educar, formar e ajudar a criança a desenvolver-se de modo humano e maduro. Não dá para “terceirizar”, confiar

essa tarefa a terceiros, como à babá em casa ou a Escola Dominical. E a TV é uma péssima babá, uma péssima conselheira, uma péssima educadora.

Precisamos passar mais tempo (quantidade!) com nossos filhos e tornar esse tempo bom e agradável (qualidade!). Mais tempo para convivência e companheirismo com nossos filhos, amando-os e educando-os. Ajudando-os a terem uma visão de mundo correta e comprometida com a justiça, com a paz, com a cidadania, com o Evangelho e com a graça de Deus. Forjando neles um caráter cristão. Inculcando neles a Palavra de Deus. Orientando-os no que Cristo fez por eles para que, como diz o Ritual da Igreja Metodista na celebração do Batismo infantil, “ao se tornarem conscientes da salvação, possam reconhecer tão preciosa graça, assumindo os votos de membro da Igreja para melhor servir na obra do Reino de Deus”.

#### **4 - O Desafio De Repartir A Fé Com Todos, Inclusive Com Os Filhos**



Num mundo plural ouvimos a voz de Deus, tivemos nossa experiência religiosa de conversão e por livre e espontânea vontade aceitamos a Jesus como nosso Senhor e Salvador. Mesmo em meio a tantas vozes, a tantas opções religiosas e tanta fragmentação da própria Igreja, a graça de Deus nos alcançou através de alguém que aceitou repartir da sua fé.

Precisamos recuperar a alegria de viver a nossa fé, de repartir a nossa fé. Precisamos acreditar que apesar das ambigüidades, a Igreja é um projeto de Deus, e deve ter toda transparência e coerência para que o mundo (e particularmente os nossos próprios filhos!!!) seja capaz de ver essa sua origem. É fundamental acreditar também que a graça de Deus atua mesmo num mundo conturbado. Somos chamados a semear a boa semente do Evangelho quantas vezes forem necessárias, mas a germinação (conversão) e o crescimento (santificação) da semente não são nossas responsabilidades. Vêm de Deus!!!!

#### **5 - Desafio De Ajudar Nossos Filhos A Terem Um Encontro Pessoal Com Deus**

Educar nossos filhos e nossas crianças no Evangelho não é apenas passar informações, falar de doutrinas e teorias, narrar as histórias bíblicas e impor comportamentos. A educação cristã necessita dessas coisas, mas é mais que isso. Educar a criança é dizer: “Não quero apenas que você saiba o que eu sei, eu quero que você viva como eu vivo, e que viva pela fé”. E para isso nossos filhos têm de ter a experiência da fé, o encontro pessoal com Deus. Os discípulos do caminho de Emaús sentiam o coração arder quando Jesus lhes falava. O Rev. John Wesley durante uma experiência religiosa disse: “Senti meu coração arder. Senti que meus pecados eram perdoados. Senti que confiava em Deus”. Uma fé que não se funda numa experiência pessoal só pode ser alienação, e só pode ser vivida como alienante.

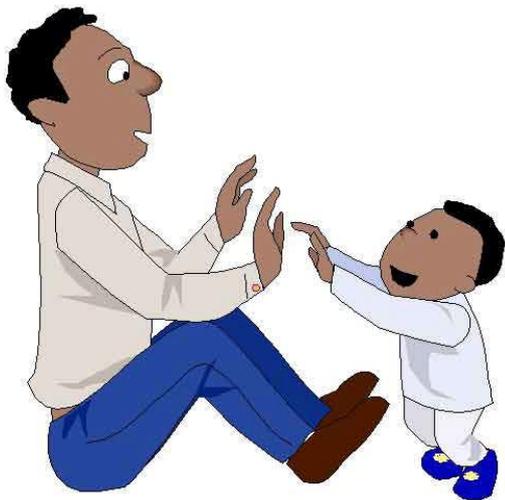
A Igreja deve ser, naturalmente, o melhor lugar do mundo para que as pessoas tenham uma experiência pessoal de fé. A Igreja deve ser a comunidade e a congregação dos homens e mulheres que experimentaram pessoalmente e continuam a experimentar regularmente a presença amorosa e salvadora de Deus. A Igreja é a fogueira onde as brasas se mantêm acesas.

## **6 - A Família Como Canal Fonte De Bênçãos De Deus**

*(Material extraído e adaptado do livro O poder curador da Graça, de David Semeands, pastor metodista norte-americano, publicado pela Editora Vida)*

Os 4 conceitos básicos da vida brotam dos relacionamentos interpessoais que experimentamos. Mais precisamente do relacionamento familiar:

a) Autoconhecimento - A família é a principal fonte de como vemos a nós mesmos. A sua auto-estima dependerá grandemente do valor ou da falta de valor refletido nos comportamentos das pessoas que lhes são mais significativas. Serão com os olhos dessas pessoas que ela verá a si mesma o resto de sua vida.



b) O Conceito de Deus - A família é onde adquirimos as primeiras "sensações" e noções de Deus. Essa primeira impressão é que nos marca para sempre. Muitas vezes as crianças confundem Deus com os próprios pais. Poderíamos dizer, vêm como Deus é através da vida dos pais.

c) O conceito sobre as outras pessoas - A família é como uma janela através da qual olhamos para os outros e aprendemos a amá-los ou não. Ela influi no modo como vemos os outros e como pensamos que os outros nos vêem. Aquilo que nós achamos que os outros acham de nós tem muito a ver com o modo como esperamos que os outros se relacionem conosco.

d) O conceito da realidade e padrão de vida - A família é a porta para o mundo e a porta por onde o mundo chega até nós. É na vivência familiar que temos formada a concepção do lar, da vida, de valores, da própria realidade e como as coisas são e se relacionam.

**OBS:** A crueldade e os maus tratos certamente distorcem conceitos corretos, mas assim o faz também o afeto sem disciplina e o amor sem parâmetros/limites.

Muitos dos problemas que temos hoje está ligado a esta nossa formação. Experiências e relacionamentos em nossa infância e adolescência sobretudo, marcam muito nossos medos e traumas, nosso padrão de vida, cristão ou não. Neste caso, só a graça de Deus nos liberta das marcas ruins do passado e nos permite "nascer de novo". Quando acolhemos o Senhorio da presença e da Graça de Deus em nossa vida, Deus nos toma pela mão e nos salva. Nos salva escrevendo nosso nome no Livro da Vida Eterna (para plenitude do Seu Reino) e nos salva nesta vida, hoje, aqui e agora pela sua Graça.

Esta é a graça que cura: para as emoções danificadas no passado.

É a graça que reconstrói: para relacionamentos interpessoais destrutivos.

É a graça que reprograma: para padrões de personalidade distorcidos.

É a graça que recicla: para a transformação de mutilados (física ou espiritualmente) em testemunhas vivas do amor de Deus.

## **7 – Conclusão: A Família Como Um Lugar De Estar, Ser E Viver**

Embora acreditemos que a família seja uma "invenção (instituição) de Deus, nem todo tipo de família e de vida familiar agradam a Deus. Há famílias que são verdadeiras fábricas de pessoas desequilibradas, racistas, egoístas, etc...

Num tempo em que experimentamos mudanças rápidas e indiscriminadas em todas as áreas de nossas vidas e intenso questionamento dos valores, parâmetros, tradições, tabus, regras, conceitos e de todo tipo de convenções sociais historicamente aceitas, inclusive dos parâmetros éticos e cristãos, e que tantas vezes nos alcançam, estabelecendo uma crise de valores e parâmetros, frouxidão ética, massificação, crise de identidade, somos desafiados por Deus a ter e ser uma família que tem no Evangelho os parâmetros e os valores fundamentais.



competições, etc...

Isso implica em sermos uma família cujos relacionamentos, valores e atitudes implicam em:

a) estimular os valores éticos e humanos, entre os quais respeito e solidariedade com as demais pessoas, por mais diferentes que sejam de nós.

b) promover uma cultura de paz, onde tensões, conflitos, problemas e diferenças sejam encarados com respeito e resolvidos através do diálogo. Resolver problemas preservando as pessoas.

c) experimentar relacionamentos construídos na graça e companheirismo, e não em méritos,

d) criar um ambiente acolhedor e de apoio ao outro, seja na capacidade do consolo e amizade ao outro nas situações de frustrações e dor, seja na capacidade de estímulo e cooperação com o outro em suas lutas e em seus sonhos;

e) um lugar onde se conversa franca e amorosamente, onde o outro é ouvido, respeitado e tratado com compreensão e sinceridade.

Crianças e adolescentes que têm uma família onde são amados, percebidos, respeitados, ouvidos, orientados e educados, são crianças e adolescentes que têm valores e parâmetros fundamentais e que sabem que podem conversar e buscar ajuda nos pais e familiares em todo tempo, pois estabeleceu-se uma relação familiar e pessoal franca e de confiança. É assim um bom lugar para estar, ser e viver...

## **PEDRO ANTES E DEPOIS DO PENTECOSTES**

### **1 – Texto de Hoje - Leia durante a semana:**

- Segunda-feira: Jo 18.1-11
- Terça-feira: Gl 2.11-21
- Quarta-feira: At 2.1-13
- Quinta-feira: Mateus 26.31-35
- Sexta-feira: Mateus 26.69-75
- Sábado: João 21.15-23
- Domingo: Mateus 14.22-32

### **2 – Refletindo sobre o tema:**

Em nosso país, sobretudo fora dos grandes centros urbanos, ainda é comum tratarem-se assuntos religiosos sob a capa do folclore. Restam, por exemplo, impressões populares sobre figuras do Novo Testamento. São Pedro é o caso típico de um personagem que virou parte do folclore como o responsável pelas chuvas, guardião da pesca e anfitrião do céu, entre outras associações. Mas quem foi esse destacado discípulo e qual a sua trajetória desde a rede de pesca até o apostolado?

Durante o discipulado com Jesus, a personalidade de Pedro foi marcada por certa inconstância, isto é, explosões do temperamento, alternando momentos de excitação e hesitação. Ainda durante o ministério de Jesus, esse discípulo prontamente quis andar sobre a água, mas temeu a força do vento (Mt 14.22-32); certa noite, cortou a orelha de um servidor de Herodes durante a captura do Mestre (Jo 18.10-11) e, logo após a morte de Jesus, o discípulo ficou melancólico e deprimido (Mt 26.69-75; Mc 14.66-72; Lc 22.54-62). Durante o apostolado, envolveu-se em um imbróglio devido a seu comportamento dúbio no meio dos gentios e foi, por isso, repreendido por Paulo (Gl 2.11-14).

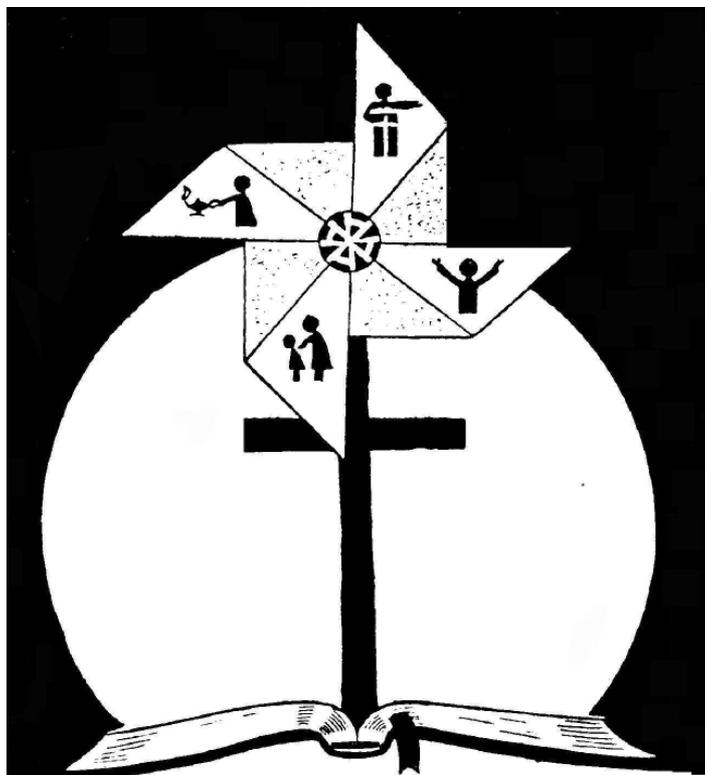


Antes do primeiro Pentecostes, em seguida à ascensão de Cristo e passado o receio inicial dos discípulos de serem caçados pelas autoridades, Pedro experimentou uma profunda transformação. Sua pregação mudou e, em breve se modelou o caráter de seu ministério.

Isso se conclui da conduta e dos discursos de Pedro desde o capítulo 2 de Atos e nos capítulos seguintes. De fato, Pedro está fortemente ligado ao evento milagroso de Pentecostes, inaugurando as atividades da comunidade de cristãos da Judéia. Depois, nos

capítulos 2, 8 e 10 de Atos, vemos o teor das primeiras pregações aos gentios, em outros territórios da Judéia, em Samaria e Antioquia da Síria.

Embora Lucas tenha tido mais familiaridade com o ministério de Paulo voltado aos não judeus, dando assim mais detalhes sobre isso, sua narrativa histórica reconhece a relevância de Pedro para a primeira comunidade cristã em Jerusalém e para o início da pregação aos gentios.



Isto quer dizer que, depois do Pentecostes, Pedro se tornou uma referência na comunidade de cristãos e cristãs. Não porque Jesus o tivesse apontado como chefe religioso – o que não aparece em lugar algum do Novo Testamento – e, sim, por causa da diferença que a conversão causou em sua vida: “... tu (Pedro), pois, **quando te converteres**, fortalece os teus irmãos” (Lc 22.31-32). Ou seja, a conversão afetou a sua índole e renovou a sua alma, com visíveis reflexos no modo de agir em comunidade, e tornou-o um modelo fidedigno para o corpo de discípulos.

Uma lição importante que aprendemos com Pedro é que não importam as limitações que nos desabilitam para servir ao Senhor. Quando nos convertemos com sinceridade e assumimos a condição de discípulos/as de Jesus e o seu projeto de santidade, justiça e amor, Deus faz nova a nossa natureza e nos permite ser instrumentos da sua glória e agentes de seu Reino.

## **2 - Fontes literárias:**

\_\_\_\_\_. *Antigo Testamento Poliglota* – S. Paulo : Edições Vida Nova, 2003

\_\_\_\_\_. *O Novo Testamento (Texto Grego)*. S. Paulo : Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1981

MCKIBBEN, George F. *Nuevo Lexico Griego-Español*. Buenos Aires : Casa Bautista de Publicaciones, 1978

Fontes eletrônicas:

Página de estudos bíblicos em [http://www.estudosdabiblia.net/b03\\_4.htm](http://www.estudosdabiblia.net/b03_4.htm) . Acesso em 10/02/10.

Página da WCG em <http://www.wcg.org/lit/bible/acts/actspeter.htm>. Acesso em 10/02/10

## **A IGREJA ANTES E DEPOIS DO PENTECOSTES:**

De uma igreja escondida  
para uma igreja que anuncia o Evangelho com intrepidez e autoridade

Assim como o batismo de Jesus Cristo dá início à pregação do evangelho e ao anúncio do Reino de Deus, o dia de Pentecostes é o marco do início do caminhar da igreja após a subida de Jesus Cristo. As semelhanças desses dois eventos não são por acaso, ambos apresentam traços comuns e nos apontam características específicas. O que sabemos da vida de Jesus Cristo antes do seu batismo é extremamente reduzido se comparado aos relatos pós-batismo. De fato a vida em uma forma ministerial de Jesus Cristo é iniciada após o batismo.



A vida da igreja enquanto Jesus está com ela se resumia em seguir a Cristo no seu ministério e na pregação do Reino de Deus. Os apóstolos e aqueles que andavam com Jesus demonstravam segundo os escritos do evangelho, pouco entendimento do que eles viviam ou do seu papel naquele contexto. Os testemunhos narrados nos evangelhos

afirmam que a Igreja só veio a ter entendimento de algumas situações vividas com o Senhor Jesus, tempos depois (Marcos 10:35-45). A Igreja não tinha dimensão do serviço que Jesus estava propondo. Suas mentes estavam cheias de conceitos distorcidos, distantes do Reino de Deus do qual Jesus pregava.

É extrema a diferença da Igreja após o dia de Pentecostes. Essa experiência foi transformadora para a vida da Igreja e seus membros, Pedro que em João 18:25-27 nega a Jesus parece ser outro homem em Atos 4:5-22. Sua vida tinha sido mudada e sua relação com o mundo seguia o mesmo caminho. A intrepidez e veracidade das palavras que ele usa ao falar com o Sinédrio espanta as autoridades que desejavam prendê-lo. Sua fala deixa estas mesmas sem ação diante de seu testemunho poderoso assim como Jesus já havia feito antes. Após dar esse testemunho a Igreja se reuniu para orar e o solo onde eles estavam tremeu, e novamente foram cheios do Espírito Santo e com intrepidez pregavam o evangelho mesmo contra toda oposição. (Atos 4:31)

Quando os apóstolos foram presos e acusados de pregar o nome de Jesus, um anjo do Senhor os libertou da prisão e eles se dirigiram ao templo para continuar a pregar. Novamente foram levados e presos, e quando interrogados pelo Sinédrio, se recusaram deixar a pregação e por isso sofreram um castigo com açoites. E nisto se alegraram muito. Se alegraram, por terem sido dignos de sofrer em nome do Senhor. (Atos 5:17-42) Mas, quem eram esses homens? Não eram aqueles que viviam encolhidos em sua religiosidade e costumes? Que de maneira tímida e limitada seguiam Jesus Cristo? Que buscavam apenas serem livres de um opressor estrangeiro e humano? Não eram os homens que foram chamados de “homens de pouca fé”? O que mudou? Quem eram esses homens agora?

Quando começamos a comparar a Igreja antes e depois do Pentecostes, fica impossível não perceber que algo extremamente poderoso e transformador agiu sobre a vida desses homens. Após o batismo de Jesus, o Espírito Santo desce em forma de pomba sobre Ele. Logo depois disso saindo Jesus para o deserto teve um embate com Satanás, onde mesmo debilitado pelo deserto e pelo jejum vence e supera nosso inimigo. Ele o fez estando em forma humana. Esse testemunho é poderoso e estimulante.

O que pode fazer a Igreja que caminha debaixo da autoridade do Senhor? Tudo! Deus nos chamou para fazer uma obra que já está concretizada em Cristo Jesus: Anunciar as boas novas desta maravilhosa vitória obtida por Jesus que é a missão da Igreja. Mas como agir quando se levantam aqueles que se opõem a este anúncio? A resposta está em Pentecostes. Deus não nos deixou sozinhos nesse chamado nos enviou o seu Espírito, o mesmo que Pedro e os apóstolos receberam em Pentecostes, e que continuou agindo e estando com eles durante seu trabalho. Este mesmo Espírito não age somente sobre os que estavam presentes naquele dia. Paulo pregando aos gentios estava cheio do Espírito Santo e não só Paulo mas seus discípulos gentios se encheram do Espírito. (Atos 13:44-52)

A Igreja foi chamada e capacitada pelo Espírito de Deus a cumprir a sua missão. E esse chamado é eficiente e completo. Deus capacita e torna sua Igreja e cada um de seus membros aptos a cumprir sua boa e perfeita obra através de seu Espírito. (1 Coríntios 12:7-11) Esse mesmo chamado é reforçado em Romanos 8:1-11 onde o apóstolo nos conduz em uma analogia e reflexão do Espírito e da carne. Carne que era a realidade dos homens e mulheres que não tinham o espírito, viviam presos a lei e suas vidas eram moldadas por ela. Mas os que nasceram do Espírito não estão mais sujeitos a lei e sim libertos pelo Espírito onde a carne agora está morta. Jesus Cristo cumpriu toda a lei, tornando-a assim morta. Os que viviam para a lei são agora livres para se unir a Jesus. Se antes a salvação vinha pela lei agora vem por Jesus o único que a cumpriu.

O Espírito da vida está em nós, os que em Jesus receberam a sua graça salvadora e agora não andam segundo a carne. O Espírito nos conduz para a luz, para a verdade, não em conformidade com o mundo mas com Deus, que não se detém pelo mundo. Por isso a Igreja atual, se é realmente a Igreja de Cristo, não se conforma com o mundo mas o transforma. Assim como os apóstolos não se pouparam de enfrentar as autoridades daquela época, autoridades que não estavam em conformidade com a vontade de Deus, Ele chama a Igreja atual a ser luz. Ser luz é mostrar o caminho que Deus já traçou. Para aqueles homens e mulheres, seria mais fácil permanecer ali e continuar vivendo aquela experiência de Pentecostes. Essa foi a opção de Pedro na transfiguração, ele sugeriu montar tendas e permanecer ali pois era agradável disse Pedro.(Mateus 17:1-9)



O Pentecostes não se limita a uma experiência mística. O Pentecostes não é falar em línguas, mas sim uma comunhão íntima e transformadora com Deus. Aquele dia mudou a vida de Pedro e de todos os presentes, e continua sendo notório os resultados desta comunhão. O Senhor chama homens e mulheres, chama para uma nova vida, livre do pecado e da carne, para serem proclamadores de seu reino, arautos da verdade, e luz em meio as trevas. Por mais agradável que uma experiência desta posso ter sido, ela não se resume a sensações e experiências espirituais. Esse dia marca o início da caminhada do Espírito de Deus ao lado da Igreja, Ele que dentro de nós, faz brotar uma Igreja forte e firme na sua caminhada. Este Espírito que hoje busca homens e mulheres para fazerem diferença numa sociedade violenta e fria em suas relações, uma sociedade egocêntrica e mesquinha, individualista e perversa com as minorias. Que o Espírito de Deus ache em nós essas pessoas, prontas a serem transformadas em uma Igreja que conhece a vontade de seu Deus.

## João Wesley – antes e depois da Experiência do Coração Aquecido

### 1 - Textos Bíblicos:

#### **2 Pedro 1.3-8**

“Visto como, pelo se divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória virtude, pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para por elas vos torneis participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo, por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência, associar com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo”.

Leia também o Salmo 130 que também foi importante no dia 24 de maio de 1738, o dia da experiência em Aldersgate.



### 2 - Wesley antes do Aldersgate

Filho, neto e bisneto de pastores, João Wesley aprendeu a ler, ensinado por sua mãe Suzana, na própria Bíblia. Ele, apesar de ler muito, se dizia “homem de um livro só”. Estudou em Londres e aos dezessete anos foi para Oxford., bacharelado-se em 1724, sendo eleito lente do Lincoln College no ano seguinte. Optando pela carreira eclesiástica, foi ordenado diácono em 1725. Ao tomar a sua decisão pelo ministério pastoral, sua mãe lhe aconselhou: “o verdadeiro fim da pregação é endireitar a vida dos homens e não entulhar suas cabeças com especulação inútil”. Passou dois anos em Epworth, sua terra natal, ajudando seu pai na paróquia da qual era pastor. Anos depois, avaliando seu trabalho, ele confessava com sinceridade: “preguei muito, mas vi pouco fruto do meu trabalho. Nem podia ser de outra forma, pois eu nem firmava as bases do arrependimento nem a fé no Evangelho, julgando que aqueles a quem eu pregava fossem todos crentes, e que muitos deles não necessitassem de arrependimento”.

Voltou a Oxford, passando a ocupar a importante função de moderador na universidade,

onde também lecionava grego, filosofia e Lógica. Ali ficou até 1735. Foram anos de êxito profissional mas de profunda carência espiritual. Sua religião era formal e fria, da mesma forma que a Igreja Anglicana. Faltava testemunho, alegria em ser cristão. A pregação era negligente, em qualidade e quantidade. Os cultos eram enfadonhos e a comunhão era ministrada apenas trimestralmente.

A exceção era o Clube Santo, isto é, o grupo de companheiros que procurava, no meio de tanto desalento, manter firme a fé, o estudo bíblico, uma vida de testemunho e de muitas obras sociais. Foi nesse quadro que Wesley, tentando encontrar-se a si mesmo, resolveu ser missionário na América. Pouco antes de sua viagem ele escreveu em seu diário que o principal motivo de sua decisão era “a esperança de salvar a sua própria alma e aprender o verdadeiro sentido do Evangelho de Cristo.

Quase dois anos depois de sua ida à América, ele resolveu voltar. Havia fracassado em todos os seus intentos. Ainda no impacto de suas decepções, escreveu no diário em 24.1.1738: “fui à América converter os índios. Oh, Deus, quem me converterá?”. Algum tempo depois, fazendo um grifo nessa declaração, ele escreveu: “não tenho certeza disto”. Em muitas declarações posteriores ele negou que não era uma pessoa convertida. Mas que era uma pessoa atormentada, João Wesley certamente era.

### **3 - O conselho de Pedro Bohler**

No dia 7 de fevereiro daquele ano, Wesley se encontrou com Pedro Bohler, um morávio alemão que estava prestes a partir para a América. Conversaram muito e juntos viajaram a Oxford. Wesley aprendeu com ele, nas longas conversas que tiveram em latim, a receber o oferecimento bíblico da graça e do perdão. Nessas conversas, em que Wesley manifestava as suas convicções, que não passavam pelo amor perdoador de Deus e pela salvação somente pela graça, ele pensou até em deixar o púlpito pois como poderia pregar aos outros quem não tinha a fé salvadora?

Pedro Bohler deu-lhe um conselho que, apesar de ferir sua racionalidade, acabou sendo aceito por Wesley: “Pregue a fé até que a tenha; e, então, porque a tem, você a pregará”. Assim, Wesley registra em seu diário em 6 de março de 1738: “comecei a pregar esta nova doutrina, ainda que minha alma rejeitasse o trabalho”. Essas novas pregações entusiasmaram os leigos e os clérigos, participantes de uma religião fria, não estavam preparados para o que ouviam dos lábios de João Wesley. Ficou, então, sem púlpito para pregar e passou a ser perseguido. Nada, no entanto, afetou Wesley que, agora, já dizia: “logo que vi claramente a natureza da fé salvadora, proclamei-a sem demora. Deus começou, então, a operar pelo meu ministério como nunca o fizera antes”.

Sem que Wesley sequer pudesse imaginar, Deus estava preparando tudo para que, depois dessa peregrinação racional pelas páginas da Bíblia, ele haveria de entrar na plenitude da experiência que ele mesmo descrevia em seus sermões.

### **4 - A experiência em Aldersgate**

Em 24 de maio de 1738, finalmente, as coisas começaram acontecer. Às cinco da manhã abriu o seu novo Testamento e leu o texto de Pedro transcrito acima. Ao sair, leu na Bíblia a promessa: “não estás longe do reino de Deus”. À tarde, na Catedral de São Paulo, a antífona era o salmo 130.

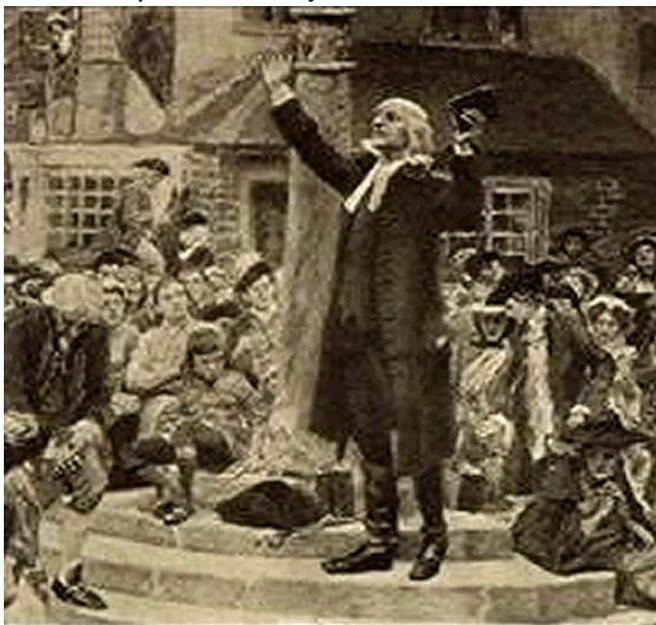
Finalmente, à noite foi à reunião na Rua Aldersgate. Sua experiência foi assim descrita por ele em seu diário: “À noite, fui sem grande vontade a uma reunião na Rua

Aldersgate, onde alguém lia o prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Cerca de um quarto para as nove, enquanto ele descrevia a mudança que Deus realiza no coração pela fé em Cristo, senti o meu coração estranhamente aquecido. Senti que confiava em Cristo, somente em Cristo, para a salvação; e uma segurança foi-me dada, de que Ele havia perdoado os meus pecados, sim os meus pecados, e salvou-me da lei do pecado e da morte”.

Eis algumas palavras de Lutero que foram lidas naquela reunião: “A fé é uma energia do coração, tão eficaz, viva e inspiradora, que é incapaz de ficar inativa. A fé é uma constante confiança na misericórdia de Deus para conosco, pela qual nos lançamos inteiramente em Cristo e nos entregamos inteiramente a Ele”.

## **5 - Depois do Aldersgate**

Movido pela experiência da fé salvadora, começou então o Movimento Metodista, no princípio ainda ligado à Igreja Anglicana. O crescimento foi muito grande e rápido. A cada dia mais pessoas se juntavam aos metodistas para experimentar também a alegria da fé e



da confiança em Deus. Nos meses que se seguiram, Wesley se encontrava com pequenos grupos, que ficaram conhecidos como sociedades, para reuniões espirituais nas quais a Palavra era pregada. Continuaram, João e Carlos Wesley, seu irmão, a pregar nas igrejas de Londres mas isto não durou muito tempo. O tipo de sermão que pregavam era intolerável para a maioria das igrejas, acostumadas a sermões frios e vazios. O sermões que Wesley pregava não eram apenas afirmativos da salvação pessoal pela graça mas continham, ainda, um apelo à mudança de vida, à santificação, outra grande ênfase do movimento.

O metodismo, por influência de Wesley, proclamou sempre a primazia da experiência pessoal sobre a simples inscrição de uma doutrina. Ele surgiu de uma viva experiência da graça regeneradora de Deus em Jesus Cristo e por meio do Espírito Santo. Para Wesley, as pessoas nunca cresceriam em sua fé se não passassem da conversão à santificação. Essa perfeição cristã foi definida por Wesley de cinco formas diferentes, que se completam perfeitamente e revelam o caráter de um metodista: 1. Amar a Deus de todo o coração. 2. Ter coração e uma vida totalmente devotados a Deus. 3. Recuperar a imagem integral de Deus. 4. Ter a mente de Cristo. 5. Andar uniformemente como Cristo andou.

Assim, a vida de Wesley depois de sua experiência religiosa na rua Aldersgate foi caracterizada por muito trabalho pastoral, por escrever muito, por cuidar bem do seu rebanho, por preparar bem os seus pregadores, a maioria deles leigos, por expandir a obra, por seu exemplo de cristão e por manter um constante contato com o Pai. Deus seja louvado pelo chamado de Wesley e por toda a obra que realizou sob a orientação do Espírito Santo.

## **O PRIMEIRO SERMÃO DE PEDRO – ATOS 2.14-41**

### **1 - Leia durante a semana:**

- Segunda-feira: At 2.14-36
- Terça-feira: At 2.37-41
- Quarta-feira: At 2.1-13
- Quinta-feira: At 2.42-43
- Sexta-feira: At 2.44-45
- Sábado: João 21.2-21

### **2 – Refletindo sobre o nosso tema:**

A Igreja de hoje é responsável por dar continuidade ao cristianismo do primeiro século. Não imitamos todos os detalhes daquela comunidade, mas desejamos dar seqüência à fé e à mensagem da Igreja primitiva. Vamos então recordar o que eles fizeram, examinando, inicialmente, o livro de Atos dos Apóstolos, no Novo Testamento.



A evangelização é o principal tema do livro. Nele, podemos aprender o que os apóstolos pregavam. Nesta etapa, desejamos aprender com o sermão de Pedro.

O primeiro sermão que Lucas, o autor do livro de Atos dos Apóstolos, inclui em sua narrativa é o depoimento de Pedro à multidão durante o Pentecostes. Ao fim dessa primeira narrativa do evangelho de Lucas, Jesus aparece aos discípulos logo após a ressurreição. Ali, as referências a Pedro o colocam em destaque, como em Lucas 24.12, 34. Ele também é mencionado no encontro do Mestre com sete de seus discípulos, em João 21.2-21, quando o Senhor, após ressuscitar e estar novamente conversando com seus discípulos na praia, pergunta, por três vezes, se Pedro o amava. Diante da insistente resposta de que sim, Pedro lhe tinha profundo amor, Jesus manda que o discípulo que três vezes o negara fosse apascentar as suas ovelhas.

O livro de Marcos, a narrativa evangélica mais antiga, registra a orientação dada, ainda no interior do sepulcro vazio, que fossem avisar aos discípulos e particularmente “a Pedro” que Jesus ressuscitara (Mc 16.5-7). Nos versos 8 a 11 desse capítulo, os discípulos ficam sabendo da ressurreição do Mestre num momento em que eles se encontravam muito tristes. Pedro se achava deprimido e amargurado.

O sermão de Pedro no cenáculo (uma sala para se tomarem as refeições litúrgicas) não é apenas um marco na Igreja, é um discurso de inauguração no livro de Atos. É também o ponto em que se inicia a pregação pública dos cristãos, uma característica que não mais se afastou da Igreja cristã pelos séculos seguintes, até ao dia de hoje.

Nesse sermão, primeiramente, Pedro diz às pessoas que as línguas faladas por obra do Espírito Santo são o cumprimento das Escrituras, um sinal de que os “últimos dias” haviam começado. Sendo assim, o povo poderia ser salvo pela invocação do nome do Senhor (2.16-21).

O sermão de Pedro foi assim resumido por George Eldon Ladd: “Chegou o tempo do cumprimento. ‘O que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel’ (At 2.16). ‘Mas Deus, assim, cumpriu o que dantes anunciara por boca de todos os profetas...’ (At 3.18). ‘E todos os profetas, a começar com Samuel, assim como todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias’ (At 3.24)”. Ladd afirma que os apóstolos declararam que a era messiânica havia chegado.

Então, Pedro proclama aromeiros judeus de várias partes do mundo de então: “Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais... sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o... ao qual, porém, Deus ressuscitou” (2.22-24). Pedro explica que Davi predissera a ressurreição do Messias. Os apóstolos são testemunhas da ressurreição de Jesus e, agora em sua exaltação, Jesus derrama o Espírito Santo sobre o seu povo.

A corajosa conclusão soa desafiadora: “Esteja absolutamente certa toda a casa de Israel de que este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (2.36). Jesus é o Messias e o único a quem devemos obediência.

O povo acreditou. Eles admitiam implicitamente que haviam crucificado o Messias por quem eles mesmos, por séculos, esperavam! Então, o que se esperava que eles, então apenas ouvintes, fizessem?

Pedro deu a resposta que mais convinha à fé: que se arrependessem e se batizassem. Agindo assim, teriam como conseqüência o perdão dos pecados e dom do Espírito Santo (2.38). E Pedro continuou em exortá-los a proceder desse modo (2.40).

De imediato, quase três mil pessoas o fizeram. O fervor que demonstraram a seguir aparece na descrição de Lucas: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (2.42). O seu desejo de compartilhar tornou-se uma referência (2.44-45). Encontravam-se no templo, partiam o pão e o comiam em cada casa, louvando a Deus (2.46-47).

Aprendemos que o primeiro grupo cristão, que nasceu em Jerusalém, rapidamente se tornou uma comunidade amorosa de comunhão fraternal. Sua mensagem colocava Cristo no centro – sua palavra, seu poder, seu amor, bondade e justiça – sem ocultar o preço pago por Jesus para ser o nosso único Salvador. Essa igreja primitiva não pode ser repetida em sua forma, mas ela permanece como um modelo, uma inspiração para todos os cristãos de qualquer parte do mundo e em qualquer época.

### **3 – Fontes Literárias:**

\_\_\_\_\_. *Antigo Testamento Poliglota* – S. Paulo : Edições Vida Nova, 2003

\_\_\_\_\_. *O Novo Testamento* (Texto Grego). S. Paulo : Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1981

MCKIBBEN, George F. *Nuevo Lexico Griego-Español*. Buenos Aires : Casa Bautista de Publicaciones, 1978

Fontes eletrônicas:

Página de estudos bíblicos em [http://www.estudiosdabiblia.net/b03\\_4.htm](http://www.estudiosdabiblia.net/b03_4.htm) . Acesso em 10/02/10.

Página da WCG em <http://www.wcg.org/lit/bible/acts/actspeter.htm>. Acesso em 10/02/10

## **COMO VIVIAM OS CONVERTIDOS** **UM RETRATO DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS**

### **1 - Textos Bíblicos**

Atos 2: 42 – 47

Atos 4: 32 – 35

### **2 - Introdução**

As primeiras comunidades cristãs eram conhecidas como comunidades da Palavra – “a Palavra de Deus crescia e se multiplicava” – Até as perseguições, em vez de desanimar, serviam para espalhar e divulgar a Palavra. Fugindo das perseguições, eles se dispersavam e “*iam de um lugar para outro, anunciando a Palavra*”. Onde era bem acolhida, a Palavra de Deus transformava, renovava, libertava. O anúncio da Palavra significava a certeza de que Jesus, em sua morte e ressurreição, é o único e definitivo Salvador da humanidade.



O que mais impressiona na Igreja Primitiva é o fervor e a coragem dos cristãos. Diante dos líderes e das autoridades do seu tempo, os fiéis não tinham medo de confessar que Jesus é o Messias. A presença do Espírito Santo era sempre muito viva. Todo fiel recebia de Deus dons especiais que devia colocar à disposição da comunidade (dom de línguas, cura, ensino,...)

Os primeiros cristãos eram geralmente gente simples, das camadas sociais mais baixas. Aparentemente eram como todas as pessoas de seu tempo, mas viviam de modo honesto e digno. Obedeciam as autoridades e oravam pelos governantes.

O cristianismo desenvolveu-se principalmente no meio urbano. No boca a boca através de escravos, mercadores, viajantes, judeus, a Boa Nova ia chegando aos lugares mais distantes.

Outra característica da Igreja dos primeiros tempos é o testemunho. Anúncio da Palavra e testemunho de vida são inseparáveis. Quem anuncia a Palavra paga caro por isso: perseguições, prisões, calúnias, expulsões e até a própria morte. O testemunho não diz respeito a uma idéia, um conjunto de verdades, uma doutrina. Trata-se de testemunhar a pessoa, a obra e o projeto de Jesus de Nazaré, morto e ressuscitado. O testemunho não é privilégio ou obrigação de alguns, mas de todos os seguidores de Jesus.

Sendo Igreja da Palavra e do Testemunho, as primeiras comunidades cristãs eram também Igreja da Missão. Possuídos pelo Espírito, os primeiros cristãos eram pessoas que saíam, iam, partiam. Não eram pessoas acomodadas a estruturas e esquemas, atreladas a conquistas e ganhos passados. Não ficavam paradas, esperando pelo povo. Eram pessoas da rua, das praças, de viagens. O horizonte delas não era a própria cidade – seu horizonte era o mundo. Em pouco tempo alcançaram o mundo de então. Do modo como os cristãos primitivos proclamavam com ousadia haverem herdado os privilégios que Israel conhecera outrora demonstravam que não eram simplesmente uma parte de Israel - eram o novo Israel.

Os primeiros cristãos formavam uma comunidade estreitamente unida em Jerusalém após o dia de Pentecostes. Esperavam que Cristo voltasse muito em breve.

Os cristãos de Jerusalém repartiam todos os seus bens materiais. Muitos vendiam suas propriedades e davam à igreja o produto da venda, e distribuía esses recursos entre o grupo.

Os cristãos de Jerusalém ainda iam ao templo para orar, mas começaram a partilhar a Ceia do Senhor em seus próprios lares. Esta refeição simbólica trazia-lhes à mente sua nova aliança com Deus, a qual Jesus havia feito sacrificando seu próprio corpo e sangue.

Deus operava milagres de cura por intermédio desses primeiros cristãos. Pessoas enfermas reuniam-se no templo de sorte que os apóstolos pudessem tocá-las em seu caminho para a oração. Esses milagres convenceram a muitos de que os cristãos estavam verdadeiramente servindo a Deus. As autoridades do templo, num esforço por suprimir o interesse das pessoas na nova religião, prenderam os apóstolos. Mas Deus enviou um anjo que os libertou e provocou ainda mais excitação.

Por terem sido expulsos da comunidade judaica as primeiras comunidades se reuniam nas casas, eram domésticas. Não havia templos, ou locais de culto. Um grupo de trinta a quarenta pessoas formava uma igreja caseira. Formava-se assim de pequenos grupos para reflexão, oração, partilha - liam a Palavra, repartiam o pão para os necessitados, e partiam para a Missão.

### **3 - Igreja: o Corpo de Cristo**



Um corpo é a junção de membros. Uma igreja é uma assembléia de pessoas que representa o Corpo de Cristo, e como o próprio Deus costuma se referir, não está sozinha.

Quando pertencemos a Cristo, gozamos de privilégios especiais: o Pai, o Filho e o Espírito Santo habitam em nós.

Observa-se que aqueles que obedecem ao Senhor e entram em comunhão com Cristo são membros do seu corpo. A Bíblia também mostra que os seguidores têm que cooperar com outros cristãos. Os versículos seguintes nos mostram como deve ser

a relação entre os cristãos:

- Hebreus 10: 24-25: *“Consideremos-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o dia se aproxima”*;
- Atos 2: 42-47: *“...perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações... Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum...Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus..”*
- Atos 4: 32-37: Compartilhavam seus bens materiais para ajudar os pobres entre eles;
- Colossenses 3: 16; Efésios 5:19 : Eles cantavam para adorar a Deus e para edificarem uns aos outros;
- Atos 6: 1-7; 15:22: Os discípulos numa igreja local juntavam-se para discutirem seu trabalho; Atos 20: 7 - e para participar da ceia do Senhor;
- Quando o evangelho se espalhou e mais pessoas obedeceram a Jesus, tais igrejas locais começaram a adorar e a trabalhar em conjunto para o Senhor em muitos lugares. A Bíblia fala em igrejas em Jerusalém, Samaria, Antioquia, Corinto, Éfeso, Filipos, etc.;
- Efésios 4: 15-16: Esperava-se que cada pessoa fizesse sua parte para ajudar outras a crescerem.

#### **4 - Para refletir:**

- É ainda o Evangelho de Jesus que hoje anunciamos nas Igrejas, ou nos perdemos em coisas secundárias?
- Os cristãos de hoje dão testemunho fiel de Jesus, ou se rendem aos ídolos?

#### **5 - Fontes de consulta:**

- Bíblia
- Feller, Pe Vitor. As Primeiras Comunidades Cristãs.
- Capturado do site [www.vivos.com.br/128.htm](http://www.vivos.com.br/128.htm)

\_\_\_\_\_. Junto com Cristo e seus seguidores: Como fazer parte da Igreja do Senhor. Capturado do site [www.pimenet.org.br](http://www.pimenet.org.br)

## **A CURA DO COXO**

Uma igreja marcada pela autoridade e manifestação sobrenatural de Jesus

### **1 – Leia o texto bíblico** - At 3:1-10

### **2 – Refletindo sobre o nosso tema:**

São muitos os testemunhos dados pela Igreja em atos dos apóstolos, e que fazem referência ao poder e autoridade vivida pelos apóstolos e a igreja de Atos. No capítulo três de atos vemos que Pedro e João estavam se dirigindo ao templo para orar, quando um homem que mendigava parado na porta Formosa os chama. É interessante que Pedro ao dialogar com o homem parecia já saber o que ia acontecer. Aquele homem não pediu uma cura, ele pediu uma esmola. A igreja atual tem sido constantemente desafiada a suprir carências da sociedade, homens e mulheres que estão aflitos pelo mundo inteiro e que não tem qualquer amparo. Estão pedindo esmolas pelas ruas, ou vivem confortavelmente em sua casas mas não encontram aquilo que procuram. Aquele homem era coxo ele não poderia trabalhar e nem garantir o sustento de sua vida, a ele restava apenas esmolar.

Pedro não responde o apelo do coxo com dinheiro “ouro e prata”, a resposta dele está no nome de Jesus, na autoridade que está presente neste nome. Não há um poder “mágico” no nome de Jesus, e sim autoridade que podemos perceber no evangelho de João quando este apresenta Jesus Cristo como verbo de Deus, aquele que criou todas as coisas (João 1:1-14). Pedro então ordena que o coxo levante e ande, não deu ao coxo o que ele pediu, deu aquele homem que ele realmente precisava. Nem todo dinheiro poderia ser melhor do que aquilo que o homem recebeu. A Igreja de Atos foi marcada pelo poder e autoridade do nome de Jesus Cristo, de tal maneira que os homens que antes eram tímidos agora falavam de maneira aberta e com autoridade. O homem que antes esmolava na porta, agora se apegava à Pedro e João, e andando junto a eles louvava a Deus. Este coxo recebeu ali, algo que superava em muito qualquer expectativa.

O povo que testemunhou ficou abismado, aquele era uma figura conhecida, ele esmolava ali e todos já o conheciam, todos já sabiam que aquele homem era coxo, que era um pedinte na cidade. Interessante que Pedro não perde a oportunidade e começa a falar as pessoas sobre o ocorrido, ele faz referência autoridade do nome de Jesus Cristo o mesmo que foi condenado pelo próprio povo em favor de um criminoso, pregando de maneira clara e ousada a Jesus, o mesmo que foi anunciado pelos profetas, que morreu e ressuscitou ao terceiro dia, e que agora pelo seu nome na sua autoridade aquele coxo estava curado.

Pedro está cheio do poder de Deus, sua ousadia e autoridade demonstram que dentro de seu coração pulsava a certeza de seu chamado e a autoridade que estava

sobre o nome de Jesus. Quando Pedro se dirige ao povo ele faz um movimento semelhante, ao feito em direção ao coxo, o povo estava maravilhado com o acontecimento, e com certeza, curioso em saber o que tinha acontecido. Pedro atendo ao povo não em sua curiosidade, mas naquilo que o povo realmente precisava, inicia seu discurso.

As palavras de Pedro são para que as pessoas não apenas se admirassem com o milagre, mas para que eles percebessem que o milagre era obra de Jesus. Fazendo menção à história recente ele leva o povo até o julgamento de Jesus onde o povo o condenou. Apresentando Jesus como o Cristo anunciado pelos profetas e como o autor do milagre chama o povo ao arrependimento, para que o Cristo venha. Não existe mais timidez nem vergonha nem medo nas palavras de Pedro, o que existe agora é um profundo desejo de proclamar o nome de Jesus, de curar os enfermos, de promover o arrependimento, de indicar o caminho e de ser sal e Luz. Essa Igreja tão determinada e convicta vivia momentos de testemunhos poderosos e de uma vida sobre a ameaça das autoridades. Os sacerdotes no final deste discurso, prenderam Pedro e João por estarem falando ao povo sobre Jesus. Esta é uma realidade constante da Igreja de Atos, que vivia sobre as ameaças das autoridades e a perseguição ao nome de Jesus.

E apesar de toda essa perseguição, após este fato mais de cinco mil homens se converteram. No dia seguinte a este, Pedro e João são soltos e ao se encontrarem com a Igreja após uma oração, o local onde estavam tremeu, e a Igreja seguia dando bom testemunho. O poder e autoridade que se viam nos membros da Igreja não deixavam aqueles irmãos soberbos, nem altivos. O que se via era um espírito de união e de compaixão para com o próximo, suas vidas não havia mais violência, em suas palavras o amor podia ser encontrado constantemente, em suas atitudes o desapego as coisas materiais. Mais isso não ocorria como fruto de uma doutrina nova e sim com resultado de corações cheios do Espírito Santo. A igreja já não estava lastreada na lei fria e dura, mas no Reino de Amor e Paz apresentado por Jesus Cristo.

Enquanto Lutero seguia em seu desespero, buscando algo que ele pudesse fazer para amenizar sua culpa e seu pesar constante, vivia se martirizando em vão, e sua vida era só desespero e vazio. Foi quando ele conheceu a Maravilhosa graça do Senhor, que seus horizontes foram abertos. Desse ponto em diante podemos dizer que ele passou a ver. Este homem depois desta compreensão foi mudado de tal maneira que já não se podia reconhecer como antes. Ele sofre uma verdadeira conversão e todo o mundo fica diferente para ele. Mesmo sem intenção de lutar contra a Igreja, Deus o usou como instrumento de reforma, reforma que todos nós hoje gozamos. Quando William Wilberforce se converte, muda totalmente seus horizontes e se conecta a luta contra a escravidão, tornando-se o líder dessa luta na Inglaterra promovendo a liberdade dos escravos em seu país e também em outros. Se somos do Senhor ele vai nos usar como ferramenta de benção a outras pessoas.

Deus não nos chamou para sermos estéreis nessa terra, Ele quer que sua Igreja dê frutos de paz e justiça a todas as nações. Não fomos chamados para sermos na Igreja, membros infrutíferos. Deus quer nos usar com o poder e autoridade que só Ele pode nos dar. Não para que sejamos ícones ou reconhecidos em nosso meio, mas para que o seu Reino seja pleno e sua Maravilhosa e bendita volta, venha em breve.

Corramos à carreira! Sigamos o Evangelho! E sejamos gastos a favor do Reino Eterno e Bendito de Deus. Que nossa Igreja possa ser cheia do Espírito Santo e que a mão de Deus possa ser notória em nossas vidas para honra e glória de seu nome.

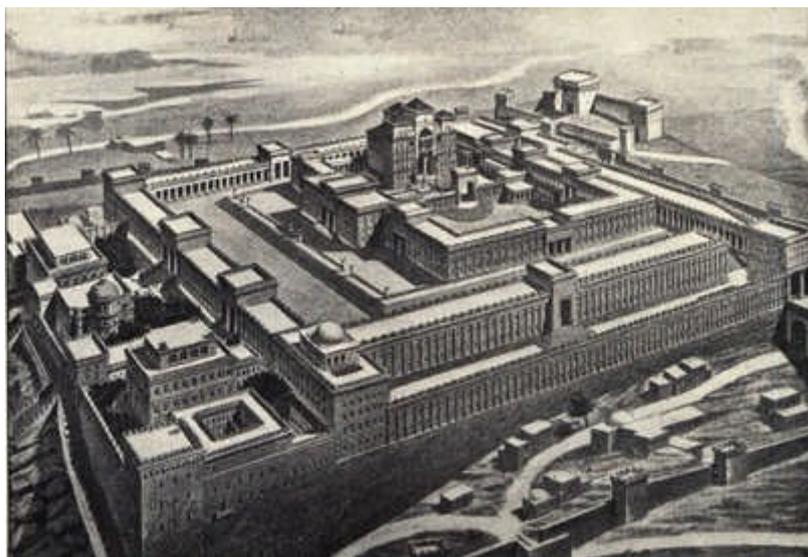
## **A PREGAÇÃO DE PEDRO NO TEMPLO – ATOS 3.11-26**

### **1 - Leia durante a semana:**

- Domingo: At 3.1-8; 1 Re 8.1-11
- Segunda-feira: At 3.9-11; 1 Re 8.12-21
- Terça-feira: At 3.12-21; 1 Re 8.22-26
- Quarta-feira: At 3.22-26; 1 Re 8.27-32
- Quinta-feira: At 4.1-4; 1 Re 8.33-43
- Sexta-feira: 1 Re 8.44-53
- Sábado: 1 Re 8.54-61

### **2 – Refletindo sobre o nosso tema**

O segundo sermão de Pedro está descrito no capítulo 3 de Atos e também é dirigido a uma multidão de judeus. Ocorre no templo e tem algumas semelhanças com o primeiro sermão. Acontecera um milagre e as pessoas estavam extasiadas. Elas estavam dispostas a ouvir o que Pedro e João tinham a dizer. E os apóstolos puderam contar-lhes a respeito de Jesus.



Conforme testemunhou à multidão (At 3.13-15), Pedro confirmou que, durante o interrogatório de Jesus, Pilatos pensava em liberá-lo, mas os judeus preferiam que Jesus fosse morto. Em vez de aceitarem o verdadeiro Messias, eles pediam um falso salvador. Optavam por rejeitar o autor da vida! Mas Deus o ressuscitou e o glorificou.

A cura do paraplégico havia sido feita pela fé no nome de Jesus (3.16). O templo, onde tudo acontecera, era o lugar do nome de Deus (1 Re 8.29), mas o milagre fora feito em nome de Jesus. Veremos mais adiante Pedro afirmar: “... não existe outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”(At 4.12), o que significa dizer que o nome de Jesus ultrapassa em muito a importância do templo terreno.

No templo, não se admitia gente impura. Mas pela fé em Jesus, pela primeira vez, aquele homem aleijado teve a possibilidade de louvar a Deus no templo judaico. Jesus, o santo e justo, torna possível que mais e mais pessoas venham a Deus. Temos as evidências de que “... todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (2.21). “Pois para vós outros é a promessa,... para todos que ainda estão longe,... para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar” (2.39). Estas antecipações mostram no texto outras pessoas participando da salvação, as quais antes estariam impedidas, tanto quanto eunucos, samaritanos e gentios.

Pedro continua seu sermão demonstrando que os sofrimentos do Messias haviam sido preanunciados (3.18). A recomendação ao povo boquiaberto não poderia ser outra senão o arrependimento, que leva ao perdão, e o aguardo pelo retorno prometido do Messias Jesus. Afinal, Moisés havia predito que Deus “suscitaria” um profeta e qualquer que o rejeitasse seria excluído da comunidade do povo de Deus (3.22-23). Na passagem de Deuteronômio 18.15, onde Deus promete um profeta, foi usada uma palavra grega na forma verbal derivada de *anástasis*, de sentido próximo a *égerthen*, com significado de ‘ressuscitar’, ‘apresentar’, ‘trazer para perto’.

Em Atos 3.25-26, Pedro assevera que o propósito de Deus vai mais longe do que os herdeiros de Abraão (os hebreus e, mais tarde, os judeus). No tempo de Abraão, Deus prometeu abençoar “todos as famílias (povos) da terra” (Gn 12.2-3). Por meio desse servo que ele ergueu (ou ressuscitou), abençoa “primeiro” aos judeus. E a bênção vem através do arrependimento. Mais adiante, Lucas resumirá a mensagem de Pedro, dizendo que os apóstolos “anunciavam, em Jesus, a ressurreição dentre os mortos” (At 4.2). Em última análise, a ressurreição em Jesus também é para nós, se nos achegamos a ele.

Os saduceus, que não criam na ressurreição, não gostaram do que diziam os apóstolos. Então, Pedro e João foram presos e levados ao tribunal. Os líderes judaicos lhes perguntaram: “Com que poder ou em nome de quem fizestes isto?” (4.7). A pergunta não poderia ser melhor. Pedro foi direto: “... em nome de Jesus Cristo, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome é que este está curado perante vós” (4.10). Jesus foi rejeitado pelos líderes do povo, mas Deus o tornou a pedra angular e o único caminho de salvação.

O que aprendemos com essa mensagem? Que com o milagre, o povo se aproximou (3.11) e os apóstolos aproveitaram a oportunidade para pregar acerca de Jesus. Eles esclareceram que aquilo não tinha sido realizado pelo seu próprio poder, mas pelo poder de Cristo (3.12). Eles enfatizaram que a responsabilidade pela morte de Jesus era de todo o povo, mas Deus “de Abraão, Isaque e Jacó” o havia glorificado. Agora, esse aleijado (coxo) fora curado pela fé em Jesus (3.16). Apesar da ignorância dos judeus, sua culpa requeria arrependimento (3.17-21), pois somente assim eles teriam acesso aos benefícios das profecias e promessas do Antigo Testamento cumpridas por Jesus (3.22-25).

Como vemos, a cura do Coxo descrita em At 3:1-10 se transforma numa bela, oportuna e profunda pregação por Pedro cujo teor central é Jesus. A releitura feita por Pedro do Antigo Testamento faz com que muitos dos presentes ali no Templo naquele dia (e mais tarde, todas as comunidades cristãs!) reconheçam e anunciem Jesus como o Santo, o Justo, o Profeta definitivo e o Messias que veio para servir (At 3:14) e que vai transformar radicalmente a condição humana, realizando o projeto de Deus e restaurando todas as coisas. Doravante, na ausência física de Jesus como até então os discípulos experimentaram, a ação de Deus em favor dos homens se realiza através do nome de Jesus. Não há outro nome sob o Céu pelo qual possamos ser salvos, a não ser o nome que está acima de todo nome.

### **3 – Fontes Literárias**

\_\_\_\_\_. *Antigo Testamento Poliglota* – S. Paulo : Edições Vida Nova, 2003

\_\_\_\_\_. *O Novo Testamento* (Texto Grego). S. Paulo : Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1981

MCKIBBEN, George F. *Nuevo Lexico Griego-Español*. Buenos Aires : Casa Bautista de Publicaciones, 1978

Fontes eletrônicas:

Página de estudos bíblicos em [http://www.estudosdabiblia.net/b03\\_4.htm](http://www.estudosdabiblia.net/b03_4.htm) . Acesso em 10/02/10.

**Lição nº 17**  
**Escola Dominical – lição do dia 25 de julho de 2010**  
**– 9º domingo após o domingo de Pentecostes**  
**Texto de Suely Peixoto de Mattos**

## **PEDRO E JOÃO SÃO PRESOS POR ORDEM DO SINÉDRIO**

**1 - Leitura Bíblica:** Atos 4: 5 – 22

**2 – Leituras de Apoio:**

Atos 3: 1 – 10

Atos 3: 11 – 26

Atos 4: 1 – 4

**3 - Introdução**

Depois da morte e ressurreição de Jesus, os discípulos se refizeram de todo aquele drama juntos e trataram de cumprir a missão que ficou para eles.

Milagres continuaram acontecendo, mas a reação das autoridades não foi a melhor. Quando Pedro e João realizaram a cura do coxo, as autoridades (sacerdotes, o capitão da guarda do templo e os saduceus) foram atraídas pela notícia do milagre que havia sido realizado. Quando o povo viu o homem andando junto a eles, no templo, Pedro fez um discurso inflamado rememorando os fatos acontecidos no tempo em que Jesus esteve naquela região, principalmente seu sacrifício. Depois disto cerca de cinco mil homens, que ouviram o testemunho de Pedro e a sua explicação sobre o cumprimento das profecias na pessoa de Jesus Cristo, se converteram ao cristianismo.

Os sacerdotes tinham influência especial na política do país. O capitão da guarda do templo obedecia às suas ordens. Os saduceus eram membros de uma seita religiosa judaica que não acreditava na ressurreição dos mortos.

**4 - A pregação de Pedro**

O que Pedro disse muito contrariava as autoridades constituídas, por que foram eles os responsáveis pelo julgamento e crucificação de Jesus. A notícia do que ele estava divulgando no templo e o testemunho pessoal da ressurreição de Jesus não eram do agrado deles, pois ficaria provado o crime que tinham cometido e perderiam toda a autoridade. Tinham que calar os apóstolos. A mesma mensagem que provocou a perseguição por parte dos líderes conduziu outras pessoas à obediência.

A pregação de Pedro sobre Jesus e a ressurreição, provocou a primeira perseguição feita dos líderes judaicos. Pedro e João foram presos.

Realizou-se em Jerusalém, então, uma grande reunião das três classes que compunham o tribunal superior ou Sinédrio: as autoridades (chefes dos sacerdotes que eram saduceus), os escribas (geralmente fariseus) e os anciãos (presbíteros, líderes do povo) na seguinte proporção: 24 sacerdotes, 24 anciãos e 22 escribas.

Começaram a inquirição perguntando aos apóstolos *“Com que poder ou em nome de quem fizestes isto?”* Pergunta semelhante fizeram a Jesus semanas antes. Esta pergunta feita aos apóstolos implica que deveriam estar agindo em função ou em lugar de alguém que tinha um poder superior. Pedro esclareceu, cheio do Espírito Santo, em poucas palavras. Foi uma excelente oportunidade para expor o Evangelho pela terceira vez, agora para as autoridades civis e religiosas do país.

Foi um discurso curto e direto, dirigido aos que haviam crucificado o seu querido Mestre. Declarou que ele e João haviam sido trazidos perante o tribunal para:

- Prestar contas sobre um benefício feito a um enfermo. Sendo benfeitores não poderiam sofrer castigo;
- Declarar como se dera a cura. Um médico dificilmente é chamado a um tribunal para informar como cura um doente, pois curar não é crime.

Pedro prosseguiu com sua defesa informando ao tribunal e a todo o povo de Israel (representado pelo tribunal):

- A cura se dera em nome de Jesus Cristo *“a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos”*;
- Ao se referir a Cristo como Jesus Cristo, Pedro está esclarecendo que Ele é o Messias das profecias. Eles não podiam negar que O haviam crucificado e que Deus O havia ressuscitado dentre os mortos, Pedro podia declarar com certeza, pois o vira e estivera com Ele;
- Jesus Cristo *“era a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta como pedra angular”*. Esta é uma profecia encontrada no Salmo 118: 22, que aqueles judeus religiosos deviam conhecer muito bem. Ele foi rejeitado e morto pelos religiosos judeus, os “edificadores”, mas Deus O ressuscitou e colocou sobre todas as coisas, e a Sua Igreja está sendo construída por Ele, “a pedra angular” indispensável, sobre a qual se baseia toda a sua estrutura.
- Não há salvação em nenhum outro porque *“debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, em que devamos ser salvos”*.

Com estas palavras vibrantes Pedro terminou sua defesa diante do tribunal. A sua declaração simples e clara, sem rodeios, havia, em poucos minutos, provado a sua inocência e ainda revelado a grande culpa dos líderes judeus que ocupavam o tribunal.



A transformação em Pedro foi devida não só à absoluta certeza que tinha sobre a identidade e a posição de Jesus, mas também sobre a ação do Espírito Santo que o enchia. Ainda hoje o Espírito Santo transforma homens e mulheres para que estejam aptos a exercer sua função na igreja, seja na obra missionária, nos ministérios, no apoio aos trabalhos, etc.

O homem que fora curado também estava em pé com Pedro e João, testemunha inegável do milagre sobrenatural feito em nome de Jesus Cristo, e o tribunal era forçado a aceitar mais essa evidência de que o testemunho de Pedro era verdadeiro. Era impossível negar os fatos.

As autoridades ordenaram que os *três* réus fossem retirados do recinto a fim de que pudessem deliberar sobre o que fazer diante das circunstâncias. A preocupação maior era que chegasse ao conhecimento de todos o que Pedro e João proclamavam – a identidade de Cristo e Sua ressurreição – mostrando o pecado que haviam cometido. Não podiam prendê-los sem condenação, e não podiam condená-los por terem feito uma cura

nem por darem testemunho daquilo que viram e ouviram. Decidiram, então, soltá-los com uma severa admoestação para que se calassem e nunca mais falassem de Jesus.

Pedro e João lhes responderam se era justo, aos olhos de Deus, obedecer a eles e não a Deus, pois era impossível deixar de falar do que viram e ouviram.

Não houve jeito – tiveram que deixá-los ir porque todo o povo estava louvando a Deus pelos acontecimentos, junto com o homem que havia sido curado.

## **5 - Conclusão**

A cura do Coxo feita em “o nome de Jesus” descrita em At 3:1-10 gera uma reação negativa do Sinédrio, autoridade suprema na sociedade judaica. Como ele não pode negar o que todos viram e nem pode aceitar que a cura foi realizada no nome de Jesus, que tinha sido condenado e morto por iniciativa do próprio Sinédrio, e nem pode ainda explicar a cura do coxo, resta apenas uma atitude: reprimir os apóstolos, proibindo-os tanto de falar de Jesus quanto de continuar uma prática ligada ao nome de Jesus.

Reconhecendo que a perseguição é prova de que seu testemunho é autêntico, a Igreja não ora pedindo que a perseguição termine (para isso bastava apenas deixar de testemunhar!), mas que Deus lhe dê forças para continuar o anúncio e a prática de Jesus (curas, sinais e prodígios):

*“Agora, Senhor, olha as ameaças que fazem e concedem que os teus servos anunciem corajosamente a tua palavra. Estende a tua mão para que se realizem curas, sinais e prodígios por meio do nome do teu santo servo Jesus” (Atos 4:29-30).*

A resposta de Deus é um grande mover do Espírito Santo:

*“Quando terminaram a oração, estremeceu o lugar em que estavam reunidos. Todos, então, ficaram cheios do Espírito Santo e, com coragem, anunciavam a Palavra de Deus” (Atos 4:31).*

É preciso obedecer antes a Deus do que a homens! Nós confiamos em Deus!

## **6 – Questões:**

a) Pode-se chegar à salvação sem Jesus?

b) Qual é a tarefa das pessoas que conhecem o Evangelho?

c) Por que não há perseguição hoje? Porque há a liberdade religiosa ou porque a nossa pregação não denuncia o pecado e nem incomoda os que praticam a injustiça, os corruptos, os que se aproveitam da fé dos crédulos e miseráveis para se enriquecer?

d) Até onde confiamos em Deus para obedecê-lo e sermos fiéis a Jesus e ao seu Evangelho?

e) Comente a frase: “Não andamos atrás de Deus por causa de milagres, mas os milagres (curas, sinais e prodígios) acompanham aqueles que crêem”.

## **7 - Fontes de consulta:**

Bíblia

JONES, David. Pedro e João perante o Sinédrio. Capturado do site

[www.bible-facts.info/comentários/nt](http://www.bible-facts.info/comentários/nt)

.Os Discípulos Pregam com Intrepidez. Capturado do site

[www.estudosdabiblia.net/b03\\_5htm](http://www.estudosdabiblia.net/b03_5htm)

**NO PRÓXIMO DOMINGO, DIA 1º DE AGOSTO,  
OS ALUNOS(AS) DA ESCOLA DOMINICAL  
DA IGREJA METODISTA DE VILA ISABEL  
ESTARÃO INICIANDO,  
SE ASSIM O SENHOR PERMITIR,  
OS ESTUDOS DO  
CADERNO Nº 3 – A VIDA E OS ENSINOS DE  
JESUS**

**CADERNO - Parte 3**

**(abaixo os meses, dia e o tema da lição dominical)**

**Agosto/2010**

- 1 – Barnabé, Safira e Ananias – as atitudes dizem que tipo de cristãos nós somos
- 8 – A instituição dos diáconos
- 15 – Estevão – marcando as diferenças (Atos 6:8-15) – um confronto da antiga e da nova aliança e da antiga e nova espiritualidade
- 22 – Filipe – superando as limitações (At 8:26-40)
- 29 – A Igreja e os samaritanos

**Setembro/2010**

- 05 – O início da perseguição à Igreja
- 12 – A conversão de Saulo, de Tarso – de perseguidor a perseguido
- 19 – Ananias e o discipulado
- 26 – Barnabé, um discipulador por excelência

**Outubro/2010**

- 3 – Cornélio – o evangelho que não se aprisiona em fronteiras étnicas e geográficas
- 10 – O procônsul Sérgio Paulo – o evangelho que não se aprisiona em fronteiras políticas e de classes sociais
- 17 – O Pentecostes dos gentios (Atos 10:44-18)
- 24 – Os discípulos de Jesus são chamados de cristãos

**Novembro/2010**

- 7 – O testemunho de Paulo em Antioquia
- 14 – Paulo e Barnabé – quando o discípulo torna-se maior que o mestre
- 21 – João Marcos e Paulo – de estranhos a grandes amigos
- 28 – O papel das mulheres na Igreja Primitiva

**Dezembro/2010**

- 5 - O que o Advento nos ensina sobre Jesus
- 12 - Lição Especial pelo Dia da Bíblia
- 19 - Lição especial pelo Dia Mundial dos Direitos Humanos
- 22 - O que o Natal nos ensina sobre Jesus
- 26 - O significado da encarnação de Jesus para nós do século XXI

### **Janeiro/2011**

- 3 - O 1º Concílio da Igreja (At 15) – pareceu bem ao Espírito Santo e a nós
- 10 - História da chegada das primeiras comunidades cristãs no mundo gentílico
- 17 - As primeiras comunidades cristãs no mundo gentílico segundo as cartas pastorais e o Apocalipse
- 24 - As viagens missionárias do Apóstolo Paulo
- 31 - O que aconteceu com a Igreja de Jerusalém

### **Fevereiro/2011**

- 7 - O conflito entre os cristãos de origem gentílica com os de origem judaica
- 14 - A Ação pastoral do apóstolo Paulo diante do conflito segundo o livro de Gálatas
- 21 - A contribuição cristã segundo o Apóstolo Paulo em 2 Co 8 e 9
- 28 - Apocalipse - uma mensagem de esperança

### **A PARTIR DE MARÇO 2011**

Teremos o desafio de transformar os sermões de João Wesley em lições dominicais para estudo na Escola Dominical

## **DA NATUREZA E FINALIDADE DA ESCOLA DOMINICAL**

Art. 1º - A ESCOLA DOMINICAL é a organização da igreja local que reúne pessoas de todas as idades, membros da igreja ou não, para fins de educação cristã e funcionará mediante este Regimento.

**Parágrafo único:** Entende-se como OBJETIVO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ: PROPORCIONAR MEIOS para que todas as pessoas se tornem CONSCIENTES DE DEUS, através de sua auto revelação em Jesus Cristo, e que RESPONDAM em fé e amor a fim de que possam saber *quem são* e o que *significa* sua situação humana, CRESCER, como filhos de Deus arraigados na comunidade cristã, *viver* no Espírito de Deus em todas as suas relações, *cumprir* seu discipulado no mundo e *permanecer* na esperança cristã.

## **DAS ATIVIDADES**

Art. 2º - Todas as atividades da Escola Dominical têm como finalidade capacitar homens e mulheres, bíblica e doutrinariamente, para uma vida plena e o exercício dos dons e ministérios.

§ 1º - A principal atividade educativa da Escola Dominical realiza-se aos domingos, por intermédio de departamentos com classes.

§ 2º - O programa das atividades da Escola Dominical deve estar em estreito relacionamento com os Ministérios e Grupos Societários.

### **Art. 20 - É dever do professor (a):**

- 1- ter o plano do curso a ser ministrado e material didático com antecedência antes do início do funcionamento de cada curso.
- 2 - buscar ser exemplo de vida cristã em atos e palavras, preparando-se em oração antes de cada encontro dominical
- 3 - utilizar em classe a literatura determinada pela diretoria da E.D. , estudando com dedicação as lições a ensinar;
- 4 - interessar-se pela vida de seus alunos, visando ajudá-los a viver cristãmente em todas as suas experiências, estimulando o estudo da lição durante a semana;
- 5 - preparar um plano de aula com objetivos, metodologia, recursos, bibliografia e avaliação, para cada aula.
- 6 - ensinar através de diferentes métodos, buscando sempre a melhor participação do aluno durante as aula;
- 7 - participar das reuniões de planejamento e avaliação, relatando verbalmente

### **Art. 22 - Compete ao aluno (a):**

- 1 - Chegar na hora marcada de início da aula,
- 2 - Preparar-se em oração para cada encontro dominical,
- 3 - Estudar a lição durante a semana,
- 4 - Trazer o material (revista) para estudo, sua Bíblia e seu hinário;
- 5 - Participar das atividades de classe de estudo, bem como da abertura e do encerramento
- 6 - Não ficar fora da classe de estudo nem em nenhuma atividade paralela;
- 7 - Saber o nome, conhecer e manter relações fraternais com os outros alunos da classe, cultivando a prática da visitaçã e da intercessão mútua;
- 8 - Convidar outras pessoas a participar da Escola Dominical e acolher bem os visitantes;
- 9 - Discutir os temas e assuntos de maneira lúcida e democrática, com espírito de discernimento, visando o amadurecimento espiritual, a unidade da Igreja e a expansão missionária.